



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

FLAVIANE CORDEIRO MARTINS

**A RELAÇÃO ENTRE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO E  
BRINCADEIRAS INFANTIS NO AMBIENTE ESCOLAR**

ABAETETUBA  
2024

FLAVIANE CORDEIRO MARTINS

A RELAÇÃO ENTRE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO E  
BRINCADEIRAS INFANTIS NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Joyce O.S. Ribeiro

ABAETETUBA  
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBDSistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M379c Martins, Flaviane Cordeiro.  
A Constituição da Identidade de Gênero e Brincadeiras Infantis no Ambiente Escolar / Flaviane Cordeiro Martins. — 2024.  
57 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Joyce Ribeiro  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2024.

1. Identidade. 2. Gênero. 3. Brincadeiras. 4. Brinquedoteca. 5. Educação Infantil. I. Título.

---

CDD 370

FLAVIANE CORDEIRO MARTINS

A RELAÇÃO ENTRE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO E BRINCADEIRAS  
INFANTIS NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Data da aprovação: 20/06/2024

Conceito: Excelente

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente



**JOYCE OTANIA SEIXAS RIBEIRO**

Data: 27/09/2024 12:54:35-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Dra. Joyce O.S. Ribeiro – Orientadora**

Documento assinado digitalmente



**SANDRA KARINA BARBOSA MENDES**

Data: 27/09/2024 16:01:51-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profa. Dra. Sandra Karina Mendes do Vale - Examinadora interna**

Documento assinado digitalmente



**LIDIA SARGES LOBATO**

Data: 27/09/2024 14:32:14-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profa. Ma. Lidia Sarges Lobato - Examinadora externa**

Dedico este trabalho a todos e todas que, de maneira especial, contribuíram diretamente ou indiretamente para a minha formação acadêmica. Vocês caminharam ao meu lado, nos momentos alegres e tempestuosos, e me ajudaram a nunca desistir. Agradeço por todo apoio, amor e incentivo que me deram ao longo dessa jornada. Este trabalho é dedicado a vocês, com profunda gratidão e carinho.

## AGRADECIMENTOS

A minha família, que desde muito cedo me guiou nessa caminhada e me mostrou a importância do ato de estudar e buscar conhecimento. É com imenso orgulho que apresento este trabalho como uma parte da recompensa por todo o apoio que recebi, especialmente dos meus avós, que, mesmo em idade avançada, me apoiaram de forma incondicional, e da minha mãe, que fez grandes esforços para me proporcionar essa oportunidade.

A uma pessoa muito especial, que surgiu durante o curso e me fez acreditar todos os dias em mim mesma, superando meus medos e incertezas em relação à minha própria capacidade. Agradeço por estar sempre ao meu lado, compartilhando momentos bons e desafiadores na construção deste trabalho. Seu carinho, amor e compreensão foram de suma importância para mim.

À minha querida orientadora, professora Joyce Ribeiro, que desde o início foi magnífica e prestativa, auxiliando-me nessa jornada e contribuindo constantemente para as minhas descobertas científicas. Você se tornou muito especial para mim, e é com grande orgulho que produzo este trabalho ao seu lado.

Ao corpo docente da FAECS, sou imensamente grata por ter conhecido professores e professoras incríveis ao longo do meu curso, que me motivaram, me ensinaram e me respeitaram como uma aprendiz e pesquisadora em formação inicial. Agradeço sinceramente à faculdade por todo o suporte e oportunidades oferecidos.

E aos meus amigos e amigas, que também desempenharam um papel fundamental no apoio emocional, e até mesmo na leitura deste trabalho quando eu estava exausta e não conseguia avançar. Agradeço por todo o apoio, cuidado e, principalmente, pela paciência que tiveram comigo.

Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos (Louro, 1997, p. 21)

## RESUMO

A presente pesquisa aborda a relação entre a constituição da identidade de gênero e as brincadeiras infantis no ambiente escolar, mais especificamente no espaço da Brinquedoteca em uma Escola de Educação Infantil. Os objetivos principais da pesquisa é analisar como as brincadeiras infantis produzem ou reproduzem as identidades de gênero no contexto educacional, além de identificar os valores e comportamentos pré-estabelecidos social e culturalmente que estão "normalizados" nas brincadeiras infantis, de acordo com o gênero, e verificar o impacto da divisão das brincadeiras e brinquedos por gênero no espaço escolar sobre as crianças. Para fundamentações teóricas dessa discussão, foram consideradas contribuições de renomados autores como Louro (1997,1999), Silva (2000) e Hall (2006), que possuem pesquisas nas áreas de Estudos Culturais e Feministas. Além disso, pesquisadores como Barros (2009), Brougère (2010) e Felipe (2003) também forneceram base sobre a importância do brincar e sua influência na formação das crianças a partir dos aspectos culturais e sociais. Este estudo adotou uma abordagem pós-crítica para investigação e análise, utilizando aproximações etnográficas para compreender os aspectos gerais e, principalmente, a subjetividade dos sujeitos envolvidos. A observação participante foi utilizada para capturar os movimentos e o cotidiano da pesquisa, enquanto o método da conversação permitiu que os participantes se expressassem livremente e compartilhassem suas experiências. Além disso, o uso de imagens foi empregado para aprofundar a compreensão dos aspectos mais intrínsecos da pesquisa. Os resultados destacam questões problemáticas que vão além do espaço da Brinquedoteca, evidenciando que a constituição da identidade de gênero é influenciada também por fatores externos à escola, e que as crianças carregam consigo valores culturais muito bem estabelecidos em suas formações sociais, é importante destacar, então, que a divisão de brincadeiras e brinquedos por gênero vivenciadas no cotidiano escolar pode contribuir para a perpetuação de estereótipos, afetando o desenvolvimento das crianças. No entanto, há esperança de mudança por meio da transformação das práticas pedagógicas, visando construir uma política que valorize a equidade no brincar infantil. Em suma, este trabalho ressalta a necessidade de repensar as práticas educativas, promovendo um ambiente escolar inclusivo, no qual as crianças tenham a liberdade de explorar uma variedade de brincadeiras, independentemente de seu gênero. A pesquisa destaca a importância de criar espaços no qual as crianças possam se expressar livremente, desafiar estereótipos de gênero e desenvolver uma compreensão mais ampla da diversidade humana.

**Palavras-chave:** Identidade. Gênero. Brincadeiras. Brinquedoteca. Educação Infantil.

## ABSTRACT

This research looks at the relationship between the constitution of gender identity and children's games in the school environment, more specifically in the playroom of a nursery school. The main objectives of the research is to analyze how children's games produce or reproduce gender identities in the educational context, as well as to identify the socially and culturally pre-established values and behaviors that are “normalized” in children's games, according to gender, and to verify the impact of the division of games and toys by gender in the school space on children. For the theoretical basis of this discussion, we considered contributions from renowned authors such as Louro (1997,1999), Silva (2000) and Hall (2006), who have research in the areas of Cultural and Feminist Studies. In addition, researchers such as Barros (2009), Brougère (2010) and Felipe (2003) also provided a basis on the importance of play and its influence on children's upbringing based on cultural and social aspects. This study adopted a post-critical approach to research and analysis, using ethnographic approaches to understand the general aspects and, above all, the subjectivity of the subjects involved. Participant observation was used to capture the movements and daily life of the research, while the conversation method allowed participants to express themselves freely and share their experiences. In addition, the use of images was employed to deepen understanding of the more intrinsic aspects of the research. The results highlight problematic issues that go beyond the playroom, showing that the construction of gender identity is also influenced by factors outside the school, and that children carry with them cultural values that are very well established in their social backgrounds, so it is important to emphasize that the division of games and toys by gender experienced in everyday school life can contribute to the perpetuation of stereotypes, affecting children's development. However, there is hope for change through the transformation of pedagogical practices, aiming to build a policy that values equity in children's play. In short, this work highlights the need to rethink educational practices, promoting an inclusive school environment in which children have the freedom to explore a variety of games, regardless of their gender. The research highlights the importance of creating spaces in which children can express themselves freely, challenge gender stereotypes and develop a broader understanding of human diversity.

Keywords: Identity. Gender. Play. Playroom. Early childhood education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Brinquedoteca .....	20
Figura 2 - Lado das meninas. ....	20
Figura 3 - Lado dos meninos .....	20
Figura 4 - Ela e Ele. ....	20
Figura 5 - Cada um no seu lado.....	23
Figura 6 - Lado das meninas .....	24
Figura 7- Lado dos meninos.....	24
Figura 8 - Grupo das meninas .....	25
Figura 9 - Grupo dos meninos.....	25
Figura 10 - Elas também brincam de carrinho .....	25
Figura 11 - Brincando de joguinho. ....	25
Figura 12 - Brincadeira Dirigida. ....	26
Figura 13 - Brincando em grupo. ....	27
Figura 14 - Todos e Todas juntos.....	27
Figura 15 - Brincando com as meninas. ....	28
Figura 16 - Vamos desenhar! .....	29
Figura 17 - Desenhando Juntas .....	29
Figura 18 - Meu desenho favorito. ....	29
Figura 19 - Desenho das meninas .....	31
Figura 20 - Desenho dos meninos .....	32

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>12</b>
<b>2 EMEI ESTRELA DO SABER: O ESPAÇO DA PESQUISA E CONSTRUÇÃO DO TRABALHO .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Divisão de brincadeiras e brinquedos por gênero na brinquedoteca: uma análise do cotidiano generificado no espaço escolar.....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 Preferências Infantis: produção e reprodução da identidade de gênero no espaço da brinquedoteca .....</b>	<b>28</b>
<b>3 INFÂNCIA, GÊNERO, IDENTIDADE: INTER-RELAÇÕES NO BRINCAR .....</b>	<b>34</b>
<b>3.1 Multiculturalismo e Formação Docente: uma análise crítica dos valores socioculturais normalizados .....</b>	<b>37</b>
<b>3.2 Linguagem, Gênero e Brincar: construindo novas reflexões.....</b>	<b>44</b>
<b>3.3 A influência da mídia no brincar .....</b>	<b>47</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO A – ROTEIRO PARA CONVERSAÇÃO .....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO GESTORA .....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO COORDENADORA .....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO PROFESSORA DA BRINQUEDOTECA .....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXO E – PLANO DE ATIVIDADE NA BRINQUEDOTECA .....</b>	<b>57</b>

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O brincar é uma das atividades mais importantes da vida do ser humano, e durante a infância, ele não apenas governa esta como também é fonte de significativos aprendizados, pois é por ele que a criança se aproxima e se relaciona com o mundo. No entanto, esse momento de prazer e alegria também está perpassado e inter-relacionado com o que a sociedade considera ideal para com as brincadeiras infantis, adequando "silenciosamente" a maneira correta de brincar para cada indivíduo social, o que faz esse momento do brincar está ligado diretamente a formação de identidades de gêneros.

Ressalta-se, dessa maneira, que meninos e meninas estão em constante proximidade a constituição de identidade e gênero até mesmo antes do nascimento, pois as próprias famílias ao saber do sexo do bebê já protagonizam um roteiro sobre o que ela/ele deve ser. No entanto, é no ambiente escolar que é possível evidenciar com maior clareza a profundidade da produção de determinados comportamentos dispostos às crianças, devido sua especial dimensão que produz os mais variados relacionamentos sociais. Por isso, ao explorar o ambiente coletivo e público que a Escola Municipal de Educação Infantil Estrela do Saber em Abaetetuba oferece, será possível perceber como as hierarquias de gênero são construídas pelas crianças através das brincadeiras, influenciando-as em manter comportamentos pré-determinados sobre o que a sociedade julga ser aceitável e condizente para o sexo feminino e masculino.

Santos (2013) expõe que:

Para Souza e Altmann (1999) o desenvolvimento dos papéis de gênero e a construção da identidade são forjados socialmente e aprendidos desde o nascimento, com base nas relações sociais e culturais que se estabelecem a partir dos primeiros meses de vida. Mas é na educação infantil que a criança começa a perceber a diferença entre o que é de menino e o que é de menina, pois a escola apresenta-se como um meio plural e dinâmico carregado de preconceitos que são frutos do meio cultural, social e também familiar de convivência (Santos, 2013, p. 2).

Face a isso, procura-se problematizar, como brincadeiras infantis implicam na constituição da identidade de gênero na Educação Infantil na EMEI Estrela do Saber em Abaetetuba baseados nos determinantes sociais e culturais estabelecidos ao longo do tempo? Esta problemática, portanto, parte do propósito da importância de investigar a relação do brincar intrinsecamente ligada ao mundo infantil, que por sua vez é atropelado pelas questões de gênero e identidade constantemente produzidas e ressaltadas pela sociedade, família e principalmente pela escola.

Vale destacar ainda, que para tal debate, autores como Louro (1997), Silva (2000) e Hall (2006) trazem grandes contribuições, visto seus trabalhos nas discussões no campo Estudos

Culturais e Feministas, assim como Barros (2009), Brougère (2010) e Felipe (2003) que aprofundam a questão do brincar e sua dimensão na formação de crianças. Cabe ressaltar, portanto, que este debate tende a aprofundar mais o estudo sobre a visão que temos das brincadeiras infantis e como, através da formação sociocultural, vem se orientando a constituição da identidade de gênero através do brincar.

Diante do problema de pesquisa, indico as seguintes questões de estudo: Como as brincadeiras infantis produzem/reproduzem as identidades de gênero no ambiente escolar? Quais os valores e os comportamentos pré-estabelecidos sócio culturalmente estão “normalizados” nas brincadeiras infantis por gênero no processo educativo? Em que medida a divisão por gênero nas brincadeiras e nos brinquedos afeta a vida das crianças no espaço escolar? Os objetivos de pesquisa são: refletir como as brincadeiras infantis produzem/reproduzem as identidades de gênero no ambiente escolar; identificar que valores e comportamentos pré-estabelecidos socioculturalmente estão “normalizados” nas brincadeiras infantis por gênero no processo educativo; verificar como as crianças são afetadas pela divisão das brincadeiras e de brinquedos por gênero no espaço escolar.

A partir dessa compreensão, reflito que crescer em um contexto social que estabelece o que é aceitável para meninos e meninas traz profundas consequências para a vida. Um dia, estava a garota brincando com seus primos, ela ouviu: "Vai brincar com sua boneca nova! Parece um machinho aí!". Essa menina era eu, e a partir dali criei a visão de que meninas e meninos tinham espaços e papéis diferentes e mesmo subentendendo ao longo do tempo que meninas pareciam ser mais cobradas do que meninos, que tinham que se comportar mais, ficar quieta, e muita das vezes cuidar do sexo oposto, ainda sim, isso se normalizou por muito tempo. Por isso este tema tem significativa importância, porque ao mesmo tempo que ele é próximo e um tanto particular, ele também influencia no meu olhar sobre como são construídos a identidade e o gênero relacionando, intimamente, com minha vida.

Atuar na área de educação, principalmente como professor (a) da Educação Infantil e Ensino Fundamental, como o curso de Pedagogia prepara, não é uma tarefa fácil e consiste na busca de conhecimento constantemente. Assim, sabendo da importância do trabalho do professor para a vida das crianças, esta pesquisa se torna fundamental, já que para uma educação de qualidade, o professor deve compreender os processos educacionais da formação humana de seus alunos. E o brincar está entre eles, analisar suas implicações no ambiente de trabalho escolar é lançar um olhar atencioso sobre o ensino-aprendizagem que ele produz e assim, entender os caminhos que o ato de brincar está mostrando aos futuros homens e mulheres.

Grandes produções teóricas estão voltadas acerca deste tema, mas para a construção do saber, uma pesquisa nunca é demais, assim, para produção de conhecimento acadêmico, a proposta a ser seguida pretende manifestar profundas discussões em quem se identifica com a problematização e ainda propõe conteúdos que despertam novos olhares sobre a formação acadêmica científica, não só para a área de Ciências Humanas, como a Pedagogia, mas para todos, visto que o brincar na infância condiz com a realidade de muitas pessoas - a maior parte de nós já passou/ passa um tempo com uma criança na vida - assim, seria necessário fazê-las analisarem este processo por outra perspectiva e formularem, talvez, novas opiniões sobre os efeitos e os significados que as brincadeiras têm na vida das crianças.

Dessa maneira, o campo educacional é sem dúvida o eixo fundamental para realizar a pesquisa visto que é na escola que são trabalhadas e realizadas profundas descobertas sobre o mundo e principalmente sobre quem é você no mundo e o que ele espera de você. Imprimir que meninas brincam de bonecas e meninos de carro, ou que meninas são sensíveis, enquanto meninos são brutos acarretam questionamentos sobre que identidades estão sendo formadas para habitarem o social. E ainda, que marcas externas e internas essas normas de conduta nos deixam? Pensar o brincar no social é refletir e repensar os efeitos – danos – que ele origina. Para uma sociedade com direitos igualitários, talvez devêssemos começar a olhar para o começo, e a infância é o princípio de tudo.

A presente pesquisa ampara-se, então, numa abordagem pós-crítica levando em consideração a metodologia instigante proposta por ela, voltada para o movimento entre "nossos objetos de investigação e aquilo que já foi produzido sobre ele, para aí estranhar, questionar, desconfiar" (Paraíso, 2012, p. 17). Desta maneira, para a condução significativa dessa pesquisa, a abordagem pós-crítica se faz mais que um pilar de sustentação, ela é uma parceira que guiará as análises e os feitos durante este estudo. Sua relevância para este desenvolvimento é fundamental, já que:

[...] como uma abordagem teórico-metodológica flexível, inserida em contextos específicos que falam das micropolíticas do cotidiano que constituem e são constituídas pelos discursos dominantes de nossa sociedade, na qual a subjetividade do/a pesquisador/a é uma ferramenta a serviço da investigação, um exercício simultaneamente rigoroso e político, permeado pelas relações de poder que pretende estudar (Gastaldo, 2012, p. 12).

E para complementar, destaco Paraíso (2012, p.42) que enfatiza:

A pesquisa pós-crítica em educação é aberta, aceita diferentes traçados e é movida pelo desejo de pensar coisas diferentes na educação. Gosta de incorporar conceitos, de "roubar" inspirações dos mais diferentes campos teóricos para expandir-se. Por ser tão aberta, quer expandir, povoar e contagiar. O que importa, em síntese, é movimentar-se sempre para a dissolução das formas (Paraíso, 2012, p. 42).

Na busca por estudar os problemas apresentados na pesquisa de maneira mais próxima, a Etnografia se faz um tipo de pesquisa apropriado, visto que de modo geral, ela concede voz aos sujeitos da pesquisa não os ignorando como a cultura dominante faz, visto que na perspectiva etnográfica:

Na ênfase dada por James Clifford (1983), trata-se de trazer para dentro da narrativa do texto etnográfico a polifonia que marca as relações de poder desiguais e as condições sociais, políticas e de dominação que presidem as circunstâncias do diálogo estabelecido pelo encontro etnográfico, assim como manifestar aos interlocutores de carne e osso aos quais o texto se destina (Clifford, 1983 apud Klein; Damico, 2012, p. 66)

Nesse sentido, no desejo de seguir um estudo integral, é necessário usar a etnografia, visto que ela nos leva a ouvir o que as pessoas dizem com atenção, sentir o que elas sentem levando a uma autorreflexão e observar o que elas fazem para entender os comportamentos.

Na arte do fazer se faz necessário a observação participante no estudo de campo, na intenção de compreender os movimentos do brincar entre meninos e meninas, na dinâmica da sala de aula, a relação professor-aluno, crianças-crianças, ou seja, como o corpo docente e as crianças enxergam a arte do brincar, para assim produzir material empírico.

A pesquisa foi desenvolvida na EMEI Estrela do Saber, na cidade de Abaetetuba, considerando a importância de observar de perto a formação das crianças nas suas atividades livres ou planejadas sobre a arte do brincar. A pesquisa se direciona a professores da Educação Infantil assim como as crianças que estão matriculadas nesse período, no caso, com idade entre três e cinco anos. Para a produção de informações será utilizado a observação participante para entender as tramas pedagógicas e sociais que serão investigadas, assim:

A observação participante nas atividades educativas (formuladas e apresentadas em seus documentos e protagonizadas por meio dos/as técnicos/as e dos grupos participantes obteve um foco específico, o de “examinar” com todos os sentidos um evento, um grupo de pessoas, um indivíduo dentro de um contexto, com objetivo de descrevê-lo. (Victora et al., 2000, p.62 apud Klein; Damico, 2012, p. 72).

Com o objetivo de aprimorar a análise por meio do conforto, disponibilidade e diálogo aberto para uma expressão livre sobre o assunto em questão, a conversação desempenha um papel fundamental nesse processo. A escuta multisubjetiva presente na interação contribui para a construção de um trabalho de campo mais sensível e envolvente, levando em consideração os parâmetros que envolvem tanto o pesquisador quanto o informante (Ribeiro, 2012). Sobre esse instrumento Ribeiro (2012) argumenta que:

No processo de diálogo, há a necessidade de identificar e selecionar informantes-chave que estejam sintonizados com as intenções da pesquisa, que sejam acessíveis, dispostos a colaborar e acima de tudo disponham de algum conhecimento acerca do objeto de pesquisa para contribuir satisfatoriamente. As perguntas visam a provocar e ao mesmo tempo confundir, desencadeando respostas não defensivas. Cada diálogo,

cada pergunta é um cerco a ser organizado, pois é uma atividade planejada e controlada (Ribeiro, 2012, p. 8-9).

Assim, à medida que os/as informantes constroem sua narração, será possível analisar por meio de seu discurso suas ideias quanto aos temas-problemas propostos, como apresentamos no anexo A.

Outro instrumento a ser utilizado será a imagem, que segundo Schwengber (apud Meyer; Paraíso, 2012 p. 266) "[...] uma imagem não é apenas um conjunto composto por linhas, cores, luzes ou sombras; não apenas uma questão de forma, um pensamento plástico; ela existe como um pensamento político, histórico, cultural". Portanto, ao utilizar imagens neste trabalho como forma de análise da pesquisa, é necessário um olhar compreensivo, uma vez que estas têm um valor significativo no entendimento sobre o trabalho.

Destaco também que apesar de todos/as os/as participantes da pesquisa terem assinado um termo de consentimento como apresentado nos anexos B, C e D respectivamente, para o uso das informações apresentadas, optei por proteger e preservar suas identidades e do local do estudo de campo, utilizando pseudônimos ao invés dos nomes reais. É fundamental ressaltar que todas as informações foram mantidas íntegras para possibilitar uma análise aprofundada e uma compreensão mais completa desta pesquisa.

## **2. EMEI ESTRELA DO SABER: O ESPAÇO DA PESQUISA E CONSTRUÇÃO DO TRABALHO.**

A EMEI Estrela do Saber está localizada na Rua Padre Valeriano Germano, número 1552, bairro Cristo Redentor no Município de Abaetetuba/Pará. Esta instituição de ensino surgiu a partir do desejo de algumas professoras, entre elas estão as Professoras Clara, Patrícia, Sandra e Manoela que são moradoras do Bairro Cristo Redentor. Elas sonharam com a construção de uma escola de Educação Infantil para suprir as necessidades do bairro e arredores. Desse modo, montaram um projeto e o compartilharam com o Bispo Dom Ângelo Lima, que em uma de suas idas a Itália conseguiu recursos financeiros com uma família e o valor foi investido no primeiro bloco da escola, mas como ainda faltava a construção de mais algumas salas, o Bispo pediu colaboração do Grupo Ajuda (entidade que fica na Alemanha) e também de outra ONG de prestígio na Itália para a construção do segundo bloco do prédio.

As professoras que criaram o projeto tinham como nome para a instituição Escola Paulo Freire, mas este nome só ficou no projeto, pois a família que doou a primeira parte do valor para a construção do primeiro bloco, pediu que o nome da escola fosse em homenagem a sua parenta que falecera em um acidente de carro, e a solicitação foi aceita. Desse modo, a escola foi inaugurada em 28 de agosto de 2007, inicialmente ofertando vagas para turmas de Educação Infantil de Período I, Período II e uma única turma de 1º ano, que permaneceu até o ano de 2012. Posteriormente, a escola passou a ser apenas Educação Infantil, e, portanto, passaram a ser ofertadas turmas de Maternal e a turma de 1º ano foi remanejadas exclusivamente para a Escola Dom Ângelo Frosi, que também fica localizada no mesmo bairro, mas que oferece apenas ensino para a educação fundamental.

Atualmente a escola conta com cinquenta e três servidores (professoras, vigias, porteiros, cozinheiras), na qual essa parte funcional é de indicação da prefeitura, bem como o cargo de Coordenação Pedagógica, assumido por Joana Antunes, que é Licenciada em Pedagogia, com Especialização em Planejamento Educacional e Docência do Ensino Superior, atualmente é graduanda em Psicologia, e a doze anos está no cargo desta instituição. Já o cargo de gestora é de indicação da Diocese de Abaetetuba, e a cinco anos na direção está Laíse Pontes que é Licenciada em Pedagogia, especializada em gestão, coordenação e orientação escolar.

A instituição de ensino está autorizada para Creche e EMEI, acolhendo trezentos e doze alunos, com faixa etária de três a cinco anos de idade que são divididos em 4 turmas de Maternal, sendo três com 16 alunos e uma com 24 alunos; 5 turmas de Período I com 24 alunos;

5 turmas de Período II com 24 alunos. Ao total são 14 turmas, sendo sete no matutino e sete no vespertino, na qual as crianças que estudam no turno matutino tem entrada às 07 horas e 30 minutos e saída às 11 horas e 30 minutos, as outras sete turmas que são do período vespertino tem entrada às 13 horas e 30 minutos e saída às 17 horas e 30 minutos.

Antes a instituição era autorizada no Conselho Estadual de Educação em Belém, após o Conselho Municipal de Educação (CME) ser efetivado em Abaetetuba as escolas passaram a ser credenciadas no próprio município, o que exige rigorosamente as documentações atualizadas (PPP, Regimento Escolar, parte administrativa, documentação de funcionários, entre outras). Portanto, a escola cumpre minuciosamente as exigências dentro dos prazos de atualização.

Quanto a estrutura da Instituição, esta possui sete salas de aula, uma brinquedoteca, uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma sala dos professores, uma sala da coordenação pedagógica, uma secretaria, uma para Direção/Gestão, outra para Arquivos da Escola e uma cozinha ligada ao depósito, no qual é guardado a merenda das crianças. Também possui doze banheiros, dos quais quatro ficam dentro das salas do maternal. A escola tem um ambiente climatizado, no pátio e refeitório há ventiladores nas paredes, que tornam o ambiente mais confortável para todos, além de haver cinco mesas grandes com bancos igualmente grandes para as crianças lancharem no intervalo.

Quanto às salas, todas estão equipadas com ar-condicionado, televisão, quadro branco, armário para os materiais das crianças e professoras, um bebedouro pequeno e cadeiras e mesas adequadas para as crianças, assim como para a professora. Além disso, as salas apresentam uma decoração visual atraente e organizada, com identificações das professoras nas portas, proporcionando um ambiente acolhedor. Dentro das salas, há também cartazes específicos para cada período, auxiliando na rotina de estudos e convivência em sala de aula.

Há um momento em comum que agrega todas as turmas, que se chama Reflexão Inicial. Este momento ocorre na parte da tarde de uma e meia as duas horas, em que em fila, as crianças ficam no pátio e lhes é apresentado uma reflexão do dia executada por um grupo de professoras que é escolhido de acordo com o planejamento. Elas escolhem algum personagem e contam a história referente a este personagem afim de que as crianças consigam refletir sobre a boa mensagem ou lição que aquela história lhes ensina. Depois todos fazem a oração do Pai Nosso, toca-se músicas e as crianças seguem para sala sendo guiadas pelas professoras em filas, uma de meninas e outras de meninos.

A Brinquedoteca, lugar no qual iniciei a vivência e observação por um mês. Faz parte do Projeto Brinquedoteca Escolar, iniciado em 2012, que tem como título "Brinquedoteca, um espaço lúdico, criatividade e afetivo para criança". No documento do projeto, este tem como objetivo geral propiciar através do projeto da brinquedoteca as atividades lúdicas, manuseio de brinquedos diversos, brincadeiras e jogos pedagógicos, que despertem nas crianças a oportunidade de aprender brincando. A professora responsável pela sala se chama Elisa Gomes, é formada em Ciências da Religião e especialista em psicopedagogia, atua há vinte e quatro anos na área da educação, mas na brinquedoteca está atuando há dois meses.

A Brinquedoteca funciona no mesmo horário da Escola, mas com algumas especificidades. Pela manhã, ela atende duas turmas diferentes, todos os dias, de segunda a quinta-feira, com uma hora de tempo para cada turma. Durante a tarde, horário em que esta pesquisa foi realizada, a Brinquedoteca também atende duas turmas diferentes a cada dia, com uma hora para cada turma. Dessa maneira, no primeiro horário a Brinquedoteca funciona de 14h às 15h, e no segundo horário, das 16h às 17h. Nesse sentido, vale ressaltar que existem algumas exceções. Nas quartas-feiras, no segundo horário, é reservado para a Hora Atividade interna da professora, e nas sextas-feiras, corresponde à Hora Atividade externa da professora.

A distribuição das turmas ao longo da semana é a seguinte: na segunda-feira à tarde, a Brinquedoteca recebe duas turmas do Período II. Nas terças-feiras, ela recebe duas turmas do Período I. Nas quartas-feiras, apenas uma turma do Período I é atendida. E nas quintas-feiras, são recebidas duas turmas do Maternal II.

No que se refere ao ambiente da Brinquedoteca, é importante ressaltar que ela é projetada para oferecer um espaço confortável e acolhedor para as crianças. O ambiente é climatizado, proporcionando um espaço agradável para a realização das aulas. Além disso, há dois tapetes dispostos no chão, oferecendo conforto para as atividades das crianças. Os brinquedos são organizados de forma cuidadosa e estão dispostos na parede da sala, permitindo fácil acesso e estimulando a interação e escolha das crianças.

É válido mencionar que a disposição dos brinquedos é visivelmente dividida de acordo com preferências típicas de meninos e meninas. A sala também possui mesas e cadeiras adequadas para as crianças, bem como uma mesa maior com uma cadeira para a professora. Para tornar o ambiente ainda mais lúdico e atraente, a sala conta com ilustrações feitas de EVA nas paredes, que contribuem para a decoração e criam um ambiente mais estimulante para as brincadeiras. Como pode ser observado nas figuras a seguir:

**Figura 1- A Brinquedoteca.**

Fonte: Martins, 2024.

**Figura 2 – Lado das meninas.**

Fonte: Martins, 2024.

**Figura 3- Lado dos meninos.**

Fonte: Martins, 2024.

**Figura 4- Ela e Ele.**

Fonte: Martins, 2024.

Ao examinar as figuras, torna-se evidente a persistência na manutenção das discrepâncias de gênero, moldadas por fatores e elementos aparentemente "comuns" do nosso dia a dia, como a distinção de cores das crianças feitas de EVA na parede, que reforçam a associação tradicional de rosa para meninas e azul para meninos. A maneira como os brinquedos são separados no ambiente também é reveladora, estabelecendo desde o início uma clara divisão do espaço em dois setores: um para meninos e outro para meninas. Nesse sentido, a organização da sala e do ambiente escolar desempenha um papel fundamental, influenciando a percepção e compreensão que a criança tem do seu espaço e lugar naquele ambiente, e por conseguinte, no mundo. Refletimos então: que tipo de ambiente estamos proporcionando para nossas crianças? Até que ponto as oportunidades são moldadas por essas características aparentemente simples, mas de profunda influência em nossas vidas?

Quanto ao planejamento das atividades na sala de aula, a professora divide em dois momentos. No primeiro ela deixa as crianças brincarem livremente pela sala, com os brinquedos, por no máximo 45 minutos. No segundo momento ela faz uma brincadeira dirigida, na qual sempre tem um objetivo a alcançar, é interessante ressaltar que as brincadeiras normalmente podem ser praticadas com todas as turmas. Por isso, ela faz um planejamento semanal.

A professora demonstra um cuidado evidente ao adotar uma estratégia pedagógica bem planejada em relação às atividades lúdicas. No primeiro momento, durante os 45 minutos em que as crianças brincam livremente pela sala, elas têm a oportunidade de desenvolver a criatividade, autonomia e interação social entre si. No segundo momento, com as brincadeiras dirigidas, a professora pode ensinar de forma dinâmica habilidades como trabalho em equipe, coordenação motora e coletividade, contribuindo para a formação integral dos alunos.

A reflexão sobre a importância do brincar no desenvolvimento infantil e sua relevância no processo educacional é fundamental durante todo o tempo que a criança perpassa no espaço escolar, destacando a necessidade de moderação nesse processo. Apesar das questões de gênero presentes na brinquedoteca, nota-se a preocupação da professora em utilizar o brincar como uma ferramenta de aprendizado. Seria enriquecedor explorar a possibilidade de usar o brincar como uma forma de discutir questões de gênero com as crianças, ampliando horizontes e incentivando a reflexão crítica desde cedo. Ao promover um ambiente mais aberto e questionador, poderíamos estimular novas perspectivas sobre como meninos e meninas enxergam o mundo, desafiando padrões estabelecidos e incentivando a diversidade de pensamento.

### **2.1 Divisão de brincadeiras e brinquedos por gênero na brinquedoteca: uma análise do cotidiano generificado no espaço escolar**

A pesquisa aconteceu em quatro semanas consecutivas na Escola observada e os resultados mostram questões problemáticas e muito significativas que giram em torno do brincar. Destaco que o primeiro momento que estive na Brinquedoteca foi impactante, pois os brinquedos ficam arrumados e divididos nas paredes entre para meninos e meninas, o que causa um impacto e imediatamente deixa explícito como o espaço que as crianças frequentam e constroem seus aprendizados é marcada pela distinção entre os sexos e, principalmente, entre os gêneros, pois muitos dos brinquedos se configuram nas condutas sociais construídas ao longo dos séculos.

As cores dos brinquedos também são significativas, pois enquanto de um lado da sala existe um colorido, pois os personagens são super-heróis e carros diferentes um do outro, do outro lado da sala existe apenas o rosa, lilás e branco. Explicitando o discurso das identidades de gênero que perpassam aquele ambiente. Quanto aos brinquedos, também são bem genéricos, para meninos é disposto muitos carros com usos diversos e vários bonecos de super-heróis que representam o prazer da aventura para as crianças. Já o lado das meninas, é muito presente as

bonecas, principalmente aquelas que representam os bebês e há muitos “brinquedos de casa”, como máquina de lavar, um passador de roupa, fogão, berço, um kit de limpeza com vassoura e esfregão, banheira pra lavar as bonecas bebês, um carrinho de bebê, entre outros objetos como panelinhas e comidinhas.

Essa divisão, como apresentado no decorrer do texto, mostrará como brinquedos divididos de maneira estereotipada podem influenciar em como as crianças percebem a si mesmas e aos outros, além de limitar suas escolhas e experiências de brincadeira. Pode restringir, nesse sentido, a liberdade de escolha das crianças e limitar suas possibilidades de desenvolver habilidades e interesses diversos, criando um ambiente no qual elas podem se sentir pressionadas a se encaixar em expectativas de gênero predefinidas.

As duas turmas do período II vespertino, têm 24 alunos e alunas cada, que são atendidos na sala da Brinquedoteca todas as segundas feiras. Existem características comuns nessas turmas, que corresponde a agitação e animação delas na sala, pois elas preferem o espaço da Brinquedoteca e aproveitam muito o tempo que tem para nela brincar. Elas se divertem, apesar de, com frequência, a professora chamar a atenção delas justamente pela agitação, a fim também de controlar possíveis danos aos brinquedos.

É interessante notar que as crianças do período II, que estão na faixa etária de cinco a seis anos já tem características marcantes sobre o brincar, o que revela como os gêneros estão divididos, isto é, de modo binário que é muito difícil ignorar ou fingir indiferença. Ao brincar entre si elas demonstram que tudo já tem seu lugar e muito pouco cogitam mudanças nesse aspecto. Percebi claramente que, nessa fase, já existe uma predominância dos dois gêneros: masculino e feminino, e a partir daí tudo tende a se encaixar na constituição das identidades, que na maior parte do tempo, correspondem a mensagens internalizadas nas crianças que percebem através do meio social suas masculinidades e feminilidades.

Com base na figura 5 abaixo, é possível observar a existência de uma separação implícita entre meninas e meninos em relação às brincadeiras, evidenciando que as crianças, por si só, acabam se autoimpondo essa divisão de gênero mesmo estando no mesmo ambiente. Isso corresponde muitas vezes as normas sociais e culturais que estruturam as relações interpessoais de cada uma, influenciando na maneira como se comportam entre si, como se veem e com quais brinquedos e brincadeiras vão brincar, refletindo suas próprias realidades.

Afinal, a formação do sujeito é influenciada por diversos contextos além da escola, o que torna as questões de gênero extremamente complexas. Muitos fatores internalizados pelas crianças vão além do controle dos professores, no entanto, isso não os impede que, de maneira didática e criativa, gradualmente possam questionar e desconstruir esses padrões. Os

educadores podem desempenhar um papel fundamental na construção de novas visões e valores sobre o que significa ser menino ou menina, contribuindo para um ambiente educacional mais inclusivo e igualitário.

**Figura 5** -Cada um no seu lado.



Fonte: Martins, 2024.

Uma situação importante ocorrida durante a vivência foi marcada pela presença de uma menina que se sentou ao meu lado com uma versão em brinquedo de um notebook. Em primeiro momento ela nada disse, apenas continuou sua brincadeira de “secretária” ao meu lado. Depois, ela deixou escapar a informação que fazia balé, então, aproveitei a deixa para iniciar um diálogo, perguntando se gostava de dançar, ela respondeu que: “sim, gosto de dançar na minha aula de balé, aqui as professoras não deixam eu fazer meus passos de balé”. Em outro momento ela acrescentou “minha roupa de balé é rosa, eu amo rosa”. Perguntei, então, qual sua cor preferida, e ela disse “rosa não, rosa é de menina”, registrei no meu caderno de campo suas respostas, e ela ficou curiosa com o caderno; expliquei que usava para fazer trabalho na universidade e ela pareceu satisfeita com a resposta.

Em seguida perguntei se ela não queria brincar com os meninos e ela fez que não com a cabeça e acrescentou “em casa eu brinco com meus primos de futebol, esconde-esconde e pega-pega, aqui não”. Ela dava voltas nas brincadeiras das meninas e depois voltava e se sentava ao meu lado, continuando o assunto. Então ela prosseguiu “é porque aqui são os brinquedos dos meninos de um lado e das meninas do outro, não pode misturar”. Em seguida ela foi brincar com a coleguinha.

E no decorrer da observação ficou muito exposto como as crianças realmente se separavam e brincavam em grupos de meninos e outro de meninas, sendo raras as ocasiões em que se misturavam, mas, na maioria das vezes, era apenas para trocar diálogos rápidos entre elas, informações sobre comportamento. Depois elas logo ficavam separadas como podemos

observar nas figuras 6 e 7 a seguir, que mostram as crianças brincando em lados diferentes da sala.

**Figura 6** - Lado das meninas.



Fonte: Martins, 2024.

**Figura 7**- Lado dos meninos.



Fonte: Martins, 2024.

As brincadeiras direcionadas pela professora frequentemente ocorriam de forma a dividir as crianças em filas separadas para meninos e meninas. Embora essas brincadeiras tivessem a intenção de ter um viés pedagógico buscando melhorar e aprimorar as habilidades motoras, como equilíbrio, coordenação motora, agilidade e força; porém, em alguns momentos elas geravam uma competição intensa entre os lados "opostos", principalmente quando os meninos ganhavam. Eles deixavam claro, não necessariamente por meio de palavras, mas por meio de gestos, que se sentiam superiores e mais capazes do que as meninas. As posturas e atitudes mudavam quando os meninos venciam algo, reforçando uma dinâmica de superioridade.

Nas turmas do Período I, as crianças estão na faixa etária de quatro anos de idade e vão para a Brinquedoteca nas terças e quartas-feiras. Elas sempre chegam muito animadas para brincar, indo direto aos brinquedos que querem brincar, pois já conhecem o espaço. São um pouco menores que as crianças do período II, mas são igualmente agitadas e se movimentam bastante na sala, o que torna um pouco complicado fazer o registro delas na arte do brincar. Mas também simboliza o quanto é importante e significativo para elas um momento para desenvolver suas brincadeiras. Como as crianças do período II elas também se dividem os brinquedos entre si, apesar de estarem no mesmo ambiente e em alguns momentos do mesmo lado, elas raramente misturam os brinquedos e tão pouco a brincadeira.

Nas figuras a seguir, podemos observar como meninos e meninas estão divididos em grupos, cercados por brinquedos que diferem significativamente entre si, refletindo características associadas socioculturalmente a cada gênero. Essas representações simbólicas evidenciam as expectativas impostas às crianças desde muito cedo, guiando-as nessa jornada pelos limites do gênero. Isso nos mostra que, apesar do processo de constituição de nossa

identidade ser extremamente complexo, somos amplamente influenciados por esses padrões ao longo da vida.

Enquanto as meninas são representadas cercadas por rosa e brinquedos relacionados a atividades domésticas, os meninos estão imersos em aventuras e velocidade, representadas por bonecos de super-heróis e carros de corrida. Qual a influência desses estereótipos de gênero em nossas vidas? Estamos impondo os mesmos limites para cada gênero? Qual a razão por trás da existência desses limites? Por que existem esses limites?

**Figura 8** - Grupo das meninas.



Fonte: Martins, 2024.

**Figura 9** - Grupo dos meninos.



Fonte: Martins, 2024.

Houve, nesse sentido, um momento muito significativo de mudanças, pois em um dia da vivência, duas meninas pediram para brincar comigo; a princípio, elas estavam com bonecas e queriam brincar de comidinha e chá; aceitei brincar, mas depois de alguns minutos disse que queria brincar com os carros que os meninos não estavam usando. Elas arregalaram os olhos, não era comum ou natural elas brincarem com os carrinhos, mas assim que peguei um, um sorriso de travessura perpassou o rosto delas, e ambas pegaram os carrinhos para brincar. Elas se divertiram, e logo mais meninas também queriam se juntar a elas; passados alguns minutos até os meninos queriam brincar de corrida de carrinhos. As professoras da sala perceberam a movimentação, e apesar de expressarem pelo olhar que não estavam gostando tanto assim dessa interação, nada disseram ou e não interviram.

**Figura 10** - Elas também brincam de carrinho.



Fonte: Martins, 2024.

**Figura 11** - Brincando de joguinho.



Fonte: Martins, 2024

Depois desse momento, como nos outros dias, a professora apaga a luz e pede para elas organizarem os brinquedos nos respectivos lugares, e elas sabem em que lugar cada um deve ser guardado e elas o fazem. Depois disso, a professora organizou as crianças em trio, para brincarem de passar o bambolê por uma corda; interessante ressaltar que as atividades da professora são desenvolvidas para melhorar a agilidade e coordenação motora das crianças. A professora da sala mesmo falou que compreende o quanto a brincadeira dirigida é importante, principalmente para as crianças que são da educação infantil, pois seu desenvolvimento que ocorre através do brincar é fundamental e direito importante da sua construção humana, por isso para completar a atividade da Brinquedoteca ela organiza a Brincadeira Dirigida.

**Figura 12 - Brincadeira Dirigida.**



Fonte: Martins, 2024.

No entanto, apesar de a professora da sala, assim como as professoras das turmas, compreenderem a relevância do momento do brincar, percebi pouca intervenção por parte delas na prática de unir ou incentivar brincadeiras conjuntas com os próprios brinquedos. As crianças ficam soltas na sala e parecem livres para brincar, mas quando uma menina tenta brincar junto aos meninos, sempre há uma observação como "Ana, brinque com a Laura" ou "Manu, pegue um brinquedo de menina" ou "João, não incomode as meninas, volte pro seu lugar". Essas observações demonstram como, apesar de estarem livres na sala, elas não podem brincar com qualquer brinquedo, o que muitas vezes reprime sua própria construção e identidade como seres humanos em uma fase de constantes descobertas.

Na quinta-feira, a Brinquedoteca recebe as turmas do Maternal II, que são crianças de três anos de idade. Elas são mais observadoras, pegam os brinquedos com muita curiosidade,

pois aparentemente ainda não sabem o papel social predefinido deles, ou integralizaram os significados sociais dos brinquedos, portanto, elas mexem, tocam e brincam com todos os brinquedos, independentemente de serem de menina ou menino. Começam a circular pela sala bem calmamente até encontrar um espaço e brinquedo que mais lhe agradam para brincar. Exploram o lugar e, por fim, em grupo ou sozinhas, brincam na sala. Como mostra as figuras 13 e 14, respectivamente.

**Figura 13 - Brincando em grupo.**



Fonte: Martins, 2024.

**Figura 14 - Todos e Todas juntos.**



Fonte: Martins, 2024.

É interessante notar esse comportamento, pois um ano mais tarde elas já começam a desenvolver os padrões com relação ao brincar, mas ali, ainda no maternal, elas apenas brincam e se misturam. No entanto, há particularidades, pois, algumas crianças já têm seus brinquedos favoritos, e algumas meninas, assim como meninos, brincam com seus brinquedos pré-determinados socialmente, mas conseguem equilibrar a brincadeira entre si de um jeito que não ficam apenas seguindo os estereótipos.

Dessa maneira, notamos que as crianças já internalizam normas sociais sobre o brincar, no entanto, é intrigante observar a transição de comportamento que ocorre do maternal II para o período I, pois percebemos uma diferença significativa no ato do brincar. Surge então as questões: o que está desencadeando essas mudanças tão significativas no comportamento de brincar durante essa fase de transição? Quais influências estão contribuindo para que as crianças passem a questionar tão rapidamente a suposta destinação dos brinquedos para meninos ou meninas?

Nesse cenário, inclusive, houve vários momentos que um menino pegou os brinquedos das meninas e brincou, fazendo uma professora até falar que: “nessa idade, eles não se importam em brincar com vassoura ou escovão, mas depois que crescem...” deixando subentendido que as divisões entre masculino e feminino se dão à medida que crescem, mas de uma maneira “natural”, como se as coisas fossem assim porque são. Dessa maneira, como é possível perceber

na figura 15 a seguir, os meninos podem brincar mais livremente com os “brinquedos das meninas” e até mesmo junto com elas.

**Figura 15** - Brincando com as meninas.



Fonte: Martins, 2024.

Nesse sentido as crianças brincam coletivamente na maior parte do tempo, usando alguns brinquedos. Com as turmas do Maternal senti que o espaço da Brinquedoteca era maior, mas bem aproveitado pelas crianças que exploravam tudo o quanto era possível e ficavam mais livremente por ali para brincar. Para elas que são menores, é disponibilizado um cavalinho, e todas adoram brincar com ele, o que as deixa muito felizes. Depois de quarenta e cinco minutos em contato com os brinquedos, a professora faz a brincadeira dirigida. Durante as observações, em todas as brincadeiras propostas para as turmas foram feitas igualmente por elas, a diferença mais explícita é que nas turmas do Maternal II requerem um cuidado e atenção maiores, em virtude da idade das crianças. No final, todas as crianças ganham bombons como prêmio e recompensa.

## **2.2 Preferências Infantis: produção e reprodução da identidade de gênero no espaço da brinquedoteca**

Durante a vivência na Brinquedoteca, a professora deixou o espaço livre para uma atividade ou brincadeira relacionada à pesquisa. Na segunda-feira, com a turma do período II, no primeiro horário, desenvolvi uma atividade com as crianças com o tema "O que eu gosto de brincar?". O objetivo era estimular novas formas de expressar o brincar através do desenho. Utilizei folhas A4, lápis preto e giz de cera. Reuni as crianças próximas à parede, sentadas, e expliquei como a atividade seria desenvolvida. Pedi para que elas desenhassem seu brinquedo favorito ou a brincadeira de que mais gostavam, incluindo aquelas que faziam fora da escola,

podemos observar a atividade formalizada no anexo E. Então, elas começaram a desenhar como observamos nas figuras 16, 17 e 18.

**Figura 16 - Vamos desenhar!**



Fonte: Martins, 2024.

**Figura 17 - Desenhando Juntas.**



Fonte: Martins, 2024.

**Figura 18- Meu desenho favorito.**



Fonte: Martins, 2024.

Na sala, havia 18 crianças, sendo nove meninas e oito meninos. Através da expressão artística do desenho, pude observar o contentamento delas ao compartilharem seus pensamentos e sentimentos sobre o mundo que as cerca. O ato de desenhar, verdadeiramente libertador, desempenha um papel fundamental na educação infantil, permitindo que as crianças expressem suas percepções e emoções de forma vívida. Refletir sobre o que realmente gostam de brincar, com quem brincam, seja em casa, na escola, com amigos ou brinquedos, é essencial para compreender a construção do universo individual de cada criança.

É crucial encorajar as crianças a pensarem e se expressarem livremente, sem preconceitos, para descobrir como estão formando sua identidade. O ato de desenhar pode nos surpreender, assim como as crianças têm o poder de nos transformar com suas descobertas. É fascinante como a arte infantil revela camadas profundas de crescimento e personalidade de cada uma delas, nos mostrando como elas se percebem como meninas e meninos nessa sociedade.

A maioria das meninas desenhava paisagens, mencionando que gostavam de brincar ao ar livre e com as amigas, primas e a família. Elas coloriram mais os desenhos, usando cores

cativantes. O rosa foi uma cor recorrente, mas também usaram azul, verde e amarelo para representar as paisagens. Elas demonstraram mais afetividade em relação as colegas e amigas, simbolizando o quanto gostavam de brincar entre si, demonstrando a importância das relações sociais no brincar. Entre os desenhos, apenas uma menina desenhou uma boneca e disse que gostava muito de "brincar de boneca em casa".

Mas além disso, a escolha das meninas por atividades que envolvem interações sociais mais afetuosas, como a família e as amizades, assim como a representação de elementos como paisagens coloridas e a presença de cores mais suaves, como o rosa, que são frequentemente associadas a estereótipos de gênero feminino, podem contribuir para a distinção por gênero. Essas preferências e expressões no contexto do brincar refletem não apenas as individualidades e interesses das meninas, mas também como estas são influenciadas por normas sociais e culturais que moldam as expectativas e comportamentos de acordo com o gênero. A maneira como as meninas escolhem brincar, interagir e se expressar revela a complexidade das influências sociais e culturais que permeiam suas experiências infantis e contribuem para a construção de identidades de gênero desde cedo.

Destaco nesse sentido, que as preferências das meninas no contexto do brincar podem ser influenciadas por uma série de fatores sociais e culturais vividos cotidianamente por elas. As normas a serem seguidas por cada gênero, por exemplo, estabelecem expectativas sobre o que é apropriado para meninas e têm um papel significativo nessa influência, moldando suas escolhas de brincadeiras e interesses. Além disso, a socialização desde a infância, tanto pela família quanto pela sociedade, orienta as preferências e comportamentos das meninas, refletindo mensagens sutis sobre qual papel cada gênero exerce.

A mídia e a cultura, por meio de representações de gênero em filmes, TV, livros e brinquedos, exercem influência, assim como o ambiente familiar, que transmite valores e crenças que podem impactar as atividades consideradas adequadas para cada gênero. As interações sociais com colegas, amigas e familiares também desempenham um papel significativo, interferindo nas preferências das meninas com base no compartilhamento de interesses e experiências com outros indivíduos. Essas diversas influências sociais e culturais contribuem para a formação das escolhas e atividades das meninas durante o brincar e ao longo de seu desenvolvimento.

Assim, como veremos na figura dos desenhos das meninas, muitas dessas questões sociais e culturais já a envolvem com relativa dominância, evidenciando como somos constituídos baseados nessas expectativas constantes impostas sobre o que é normal quanto a ser menino ou menina. Na figura 19, podemos ver os desenhos das meninas.

**Figura 19-** Desenho das meninas.



Fonte: Martins, 2024.

Já os meninos desenharam que gostavam mais de brincar de pipa, espaçonaves, carros e animais como vamos observar na figura 20. No entanto, o tema mais recorrente foi o dos super-heróis. Eles passaram minutos discutindo sobre como eles eram fantásticos, fortes e tinham "poderes muito legais". Especificamente, um dos meninos expressou em seu desenho o quanto valorizava o filme "Os Vingadores" e o quanto gostava do Homem-Aranha. Ele até mencionou que no futuro compraria uma máquina para fazer teia e ser como o herói. Em geral, os meninos usaram poucas cores nos desenhos, mas em suas apresentações demonstraram bastante entusiasmo pelos super-heróis e a vontade de "salvar o mundo" como eles viam nos filmes e desenhos, demonstrando que temas como ação, aventura e poder fazem mais parte do cotidiano dos meninos.

Porém destaque também que teve desenhos cativadores com relação a natureza e animais, que foi o caso de um dos meninos que ao compartilhar seu desenho de um porco-espinho, demonstrou um profundo amor pelos animais, revelando seu cuidado e sensibilidade para com eles. Sua expressão ao falar sobre o desenho não apenas destacou sua apreciação pela natureza, mas também evidenciou sua capacidade de transmitir emoções e preocupações em relação aos seres vivos, nas palavras dele "gosto dos animais". Esse gesto não só reflete um genuíno interesse pelos animais, mas também revela uma conexão emocional significativa com o mundo natural, ressaltando a importância do respeito e da empatia em sua relação com os seres vivos ao seu redor.

Essas descobertas nos fazem refletir que os meninos são apaixonados pela aventura, podendo demonstrar em algum momento uma relação mais próxima ou sentimental com algo, como no caso do menino pelos animais. Essas questões nos mostram que, apesar dos gêneros

serem muito generalizados, meninos e meninas podem ter características comuns, como o cuidado. No entanto, é evidente que a sede por descobertas no universo ou no próprio mundo é uma característica mais própria dos meninos.

Que tipo de liberdade é essa tão comum a eles? E a elas? Os meninos se constituem no mundo para experimentar, para sair, para ir a qualquer lugar que desejarem, praticamente sem restrições, como super-heróis. E não há nada de ruim nisso. No entanto, devemos questionar: existe esse mesmo livre arbítrio as meninas? E além disso, até que ponto ser um super-herói é tão legal assim? Estão além da justiça? Que interferências a mídia pode ter em relação a esses aspectos?

Refletimos também que os meninos estão engendrados nessa sociedade e, portanto, sofrem com as questões de gênero. Justamente por serem vistos como "dominadores", muitas vezes não podem expressar emoções ou sentimentos, o que os torna frequentemente frustrados e com uma grande incompreensão sobre si mesmos. Idealizamos super-heróis, como Homem-Aranha e os Vingadores, destacando a expectativa de masculinidade que exclui a expressão emocional e o autocuidado, restringindo a habilidade de lidar com as emoções e compreender suas necessidades emocionais. Esquecemos que, como meninos, também são seres humanos complexos, com múltiplas questões que não podem ser resolvidas apenas excluindo a parte emotiva ou o cuidado de seu ser. Observamos então, a figura a seguir com as expectativas dos nossos meninos quanto ao que amam brincar:

**Figura 20** - Desenho dos meninos.



Fonte: Martins, 2024.

Essas diferenças na forma de expressão refletem as preferências e interesses individuais de cada criança, bem como as influências sociais e culturais que são vivenciadas em relação ao gênero e às brincadeiras. É importante compreender, portanto, que através da cultura midiática em que estão imersas, as crianças são expostas a diferentes ideias, valores e práticas relacionadas ao brincar, é que apesar dessas influências culturais não serem completamente determinantes sociais para elas, ainda sim são bases muito significativas para suas construções de identidade e gênero na escola e na sociedade.

É relevante considerar que, como seres em formação inseridos em uma sociedade que estabelece distinções entre o que é ser menino e menina, as crianças já possuem uma compreensão significativa do seu papel no mundo, mesmo que não reflitam criticamente sobre isso. Essa percepção se deve, em parte, a fatores que vão além do ambiente escolar. No entanto, é crucial refletir sobre os impactos que essa dicotomia gera em nossa formação como seres humanos. É angustiante ver meninas limitadas ao lar, quando também têm o potencial de explorar o universo, e a restrição de expressar afeto por parte dos meninos, embora possuam emoções e capacidade de cuidado. Assim, surge a questão: somos seres humanos com múltiplas capacidades ou apenas somos definidos pelos nossos sexos?

### 3. INFÂNCIA, GÊNERO, IDENTIDADE: INTER-RELAÇÕES NO BRINCAR

A infância corresponde à primeira fase da vida, associada às descobertas sobre o mundo e a construção das primeiras relações sociais, primeiro com a família, depois com amigos e escola. Assim, é nessa etapa que a criança vai perceber, observando seu contexto, quem ela é, o que é certo ou errado, de acordo com o que lhe é ensinado como correto. A infância então é a fase de construção do “eu”, mesmo que durante esse percurso ela não seja nem de longe isenta aos padrões já predispostos no meio sociocultural.

Desta forma, a construção do conceito de infância perpassa por muitas questões, Felipe (2003) aponta que:

O conceito de infância concebido na atualidade passou por um longo processo de construção e elaboração, a partir de inúmeras teorias de diferentes campos do conhecimento, especialmente a partir dos séculos XVII e XVIII. Várias compreensões foram-se delineando a partir de então, tanto na religião, quanto na área médica, jurídica, pedagógica e, mais recentemente, nas áreas de antropologia e das ciências sociais, de modo que hoje o conceito de infância já não corresponde a uma categoria estável, "natural" e homogênea (BUJES, 2002). Sendo assim, podemos falar que existem inúmeras infâncias e que estão em constante processo de resignificação/transformação. Seus significados podem variar de acordo com o tempo, a classe social, o gênero e a cultura em que as crianças estão inseridas. (Felipe, 2003, p.121).

Nesse sentido, cabe ressaltar que no contexto atual, a infância conquistou importantes progressos, com destaque na Lei nº 9.394/1996 que declarou um espaço especial para a Educação Infantil, o conceituando como "primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade". Dessa forma, a educação infantil se faz uma fase importante na construção da aprendizagem, e por isso, observar como as crianças estão sendo educadas e formadas, em todas as categorias, mas em especial sobre suas identidades e gêneros, se faz cada vez mais importante.

Mesmo que biologicamente o sexo seja dividido de maneira dualista – sexo masculino e feminino – é preciso compreender que como seres humanos somos bem mais complexos que isso e existem muitas outras situações que nos integram como criaturas, que os aspectos biológicos e até mesmo fisiológicos não conseguem explicar. Somos formados por nossas emoções e desejos, nem sempre justificados por características próprias da biologia, nos identificamos com algo diferente do outro, temos gostos e habilidades diferentes e isso não se resume a divisão de sexo masculino e feminino, na verdade, não se resume em nada, se amplia cada vez mais na ambição de reconhecer que mesmo com diferenças, cada um tem seu lugar no mundo. Nesse sentido, em busca de uma visão sobre gênero Felipe (2003, p.121) diz que:

O conceito de gênero, por sua vez, surgiu para se contrapor à ideia de uma essência (masculina e feminina) natural, universal e imutável, enfatizando os processos de construção ou formação histórica, linguística e socialmente determinada. A constituição de cada pessoa deve ser pensada como um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida em diferentes espaços e tempos (Felipe, 1998, 2003, p.121).

Nesse contexto, a discussão segue o rumo para um dos principais ambientes de socialização e construção de conhecimento, no caso, o ambiente escolar, pois segundo Louro (1997, p. 58) "[...] a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas". Nesse sentido, seria ingênuo afirmar que a escola não está atrelada ao que é estabelecido como "adequado" sócio culturalmente para formação da identidade dos sujeitos, na verdade, sobre jugo da sociedade, ela até mesmo pode reforçar os pensamentos e comportamentos enraizados ao longo do tempo, mas vale considerar aqui um profundo aspecto: a escola também pode colaborar muitíssimo na transformação de conceitos como discriminação e preconceitos sobre a questão da identidade e gênero.

Mas como isso seria possível? Fazer uma reflexão sobre o que acreditamos seria um dos pontos, criticar a nós mesmos e perceber o que realmente estamos fazendo com nossas crianças, o que realmente a cultura de gênero patriarcal impõe e se isso é correto. Se a construção do indivíduo social muda de geração para geração em virtude das mais diversas transformações culturais, então a questão do que é ser homem ou mulher também pode ser reconstruída. Mas seria adequado que o ponto de partida fosse a infância, e sobre isso, Barros (2009, p.83) acentua que:

[...] é preciso pensar na infância sob a óptica atual, refletindo, assim, como os interesses da sociedade capitalista afetam a percepção de criança, afetando também a concepção de suas necessidades, especificidades e desenvolvimento. Conseqüentemente, o brincar, a principal atividade infantil, passa igualmente a ser desvalorizada em seu processo em si e começa a ter uma conotação vinculada aos interesses da sociedade (Barros, 2009, p.83).

Assim, quando se trata da construção de gêneros, na perspectiva do brincar na escola, é necessário observar como esses pontos são vistos no agora. Que concepções as educadoras/es estão levando para a sala de aula? Que brincadeiras estão sendo desenvolvidas? A quem elas estão sendo voltadas especificamente? Para meninos ou para meninas? Quais os interesses por trás das brincadeiras infantis? Como elas afetam as construções de identidade e gênero na criança? Nos questionar é um ato de humildade e inteligência, principalmente quando se efetua um trabalho que consiste na formação humana, e portanto, exige uma maior atenção sobre respeitar a diversidade de identidades que existem e são construídas no ambiente escolar. Desse

modo, é preciso um olhar cuidadoso sobre a estigmatização das crianças e Silva (2000, p.83) destaca que:

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente- uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é natural, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade (Silva, 2000, p.83).

Diante disso, também é necessário pensar no discurso por trás das ações socioculturais que nos cercam desde a infância, focados na construção de saberes e verdades que nos formam como os sujeitos alicerçados em manter determinada identidade feminina/masculina única. Assim, discursos como boneca é para meninas e carros para meninos, revelam que a separação de brinquedos não é um ato completamente simplório, eles carregam muito mais significados do que imaginamos. Eles dizem o que cada um deve ser, com o que cada um deve brincar, de maneira clara e concisa, porém, Hall (2006, p.13) nos aponta que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p.13).

Stuart Hall (2000) aborda a complexidade da identidade humana em um mundo cada vez mais diversificado e interconectado. Hall (2000) argumenta que a noção de uma identidade única é ilusória, pois na realidade somos confrontados com uma variedade de identidades possíveis que se entrelaçam e se transformam ao longo do tempo. Assim, é muito mais claro admitir que nesse processo fluido e mutável somos constantemente desafiados a compreender quem realmente somos, com base nas influências culturais, sociais e pessoais que moldam a complexa constituição da identidade humana desde o nascimento. Assim, Hall (2006, p.37) faz importantes considerações sobre como a criança aprende sobre seu “eu”, destacando que:

Ela não se desenvolve naturalmente a partir do interior do núcleo do ser criança, mas é formada em relação com os outros; especialmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, na primeira infância, entre a criança e as poderosas fantasias que ela tem de suas figuras paternas e maternas (Hall, 2006, p.37).

Sabendo desse ponto importante, podemos notar como as impressões deixadas na primeira infância carregam marcas para a vida toda, é através delas que vamos construir e estruturar nossa identidade, e reconhecer ou excluir a identidade do outro por ser diferente, de modo que os ensinamentos sobre nossas posturas e comportamentos vão nos orientar a viver

em sociedade. Mas cabe ressaltar que tipo de aprendizagem é essa que nos atribuem e como ela afeta nossa vida e ainda a vida do outro.

Desse modo, as brincadeiras que a sociedade incita e adequa as crianças de acordo com masculino e feminino, firma o ideal, natural e o normal postula-lo como correto, por isso Brougère (2010, p. 104) nos faz refletir que:

É preciso, efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural. A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por uma imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto, cultural. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar. (Brougère, 2010, p.104).

As brincadeiras, então, se constituem uma mediação entre os significados que a criança atribuí para sua realidade, se uma menina ver a mãe diariamente lotada de afazeres domésticos enquanto o pai fica fora trabalhando e não divide o tempo para ajudar a esposa, claramente a menina vai crescer acreditando que a conduta social do gênero feminino, corresponde a ficar na casa cuidando desse ambiente. E quando lhe é proposto brincar de casinha, brincar de comidinha, ela adere como algo que faz parte seu do mundo e convivência dela. Ela pensa que é certo porque todos lhe apontaram esse caminho.

E quando chega no ambiente escolar e este lhe cobra determinados comportamentos por ser menina, com os discursos e práticas que já assimilou em casa, ela adere por um longo tempo a tudo isso como se fosse natural, muitas vezes, a vida toda. Então o brincar, que devia ser um ato de liberdade para crianças está sendo utilizado como ferramenta para a construção social de identidades específicas, ditadas pelos discursos e práticas da cultura de gênero patriarcal. Tudo isso está em xeque e precisa ser discutido.

### **3.1 Multiculturalismo e Formação Docente: uma análise crítica dos valores socioculturais normalizados**

Compreender que a sociedade é construída com base em valores e padrões da classe dominante é de fato um ponto de partida fundamental para compreender as lutas de poder que permeiam diversos campos que constituem nossa vida, incluindo principalmente, a Educação. Essas lutas, por sua vez, exercem uma influência significativa nos determinantes socioeconômicos e culturais existentes, moldando não apenas as estruturas sociais, mas também a nossa percepção de nós mesmos como seres humanos, tanto como homens, quanto como mulheres constituintes de uma sociedade.

Muitas vezes, de maneira quase inconsciente, internalizamos essas normas e expectativas, o que acaba por moldar nossa identidade e estabelecer o que é considerado aceitável ou não para cada gênero. Reconhecer esses processos é de extrema importância para uma reflexão crítica sobre as desigualdades existentes e para questionarmos o tipo de educação que almejamos hoje, visando transformar o amanhã.

Com o objetivo de compreender os resultados desta pesquisa, inicialmente buscando entender a importância de certos aspectos que envolvem a prática docente em sala de aula, destaco, neste contexto, a formação docente como um elemento de suma importância para esta pesquisa, especialmente no que está relacionado ao respeito pela cultura, seus significados e à criticidade em relação a ela. Enfatizo também a importância da perspectiva do Multiculturalismo na formação do professor, que consiste em reconhecer a pluralidade e as diferenças presente na sala de aula, bem como respeitar as várias identidades e experiências vivenciadas por seus alunos e alunas. Destaco que há muitas abordagens de multiculturalismo como o multiculturalismo liberal, o crítico, o pós-crítico e, neste caso, a noção acionada aqui, se coloca na intersecção entre o crítico e o pós-crítico.

Assim, é fundamental ressaltar, conforme Candau (1997) que:

A ênfase passa a ser na formação do professor cômico do peso dos determinantes sócio - econômicos sobre o fracasso escolar e da reprodução que a educação estaria realizando das desigualdades sociais vigentes. Tal postura implica na visualização da ação docente como inevitavelmente comprometida com a manutenção do *status quo*. (Candau, 1997, p. 206).

A autora nos auxilia a reconhecer que, frequentemente, estamos inadvertidamente reproduzindo as imposições da sociedade, sem perceber as complexas inter-relações que envolvem grupos sociais marginalizados, como gêneros, sexos, classes sociais e diversidade cultural. Nesse contexto, é fundamental também refletir sobre a importância da identidade na formação de professores. A identidade é um aspecto central na vida de cada indivíduo, influenciando tanto a forma como nos percebemos quanto a maneira como somos percebidos pelos outros. Na educação, é essencial que os professores e professoras reconheçam e respeitem a diversidade de identidades presentes em suas salas de aula, criando um ambiente acolhedor no qual todos os alunos/as possam se sentir valorizados e representados.

Diante desse cenário, é crucial reconhecer a extrema relevância da abordagem multicultural na formação de professores, uma vez que ela busca novas perspectivas para a transformação social. Essa abordagem nos convida a refletir sobre as práticas educacionais existentes e a buscar maneiras de romper com padrões excludentes, promovendo, assim, uma educação mais inclusiva e equitativa, que valorize e respeite cada criança, aluno ou aluna que

perpassa pela Escola. Ao considerar a formação docente em conjunto com a consciência da importância da identidade, é possível criar um ambiente educacional que promova o desenvolvimento integral dos alunos, levando em conta suas experiências, histórias e trajetórias individuais. Afinal, na perspectiva da Candau (1997):

Argumenta-se que uma educação multicultural deve ser um imperativo não só com relação aos grupos discriminados, como também com relação aos grupos dominantes, uma vez que tal tipo de educação visará não só a igualdade educacional, como também a formação de novas gerações restituídas de preconceitos, reconhecendo a pluralidade étnico-cultural como um enriquecimento e não como uma deficiência para a sociedade. (Candau, 1997, p. 209).

Candau (1997) discorre que a formação docente deve rever condutas discriminatórias, problematizando conteúdos etnocêntricos e práticas pedagógicas fragmentadas. Nesse sentido, é importante considerar que Candau (1997) ao discorrer sobre as várias vertentes do multiculturalismo expressa que a mais viável para o contexto de transformação das relações de poder e desconstrução de preconceitos seria a Perspectiva Intercultural Crítica que consiste:

[...] na preparação de professores para lidarem com a pluralidade cultural dos alunos, de modo a representarem agentes de transformação da desigualdade educacional que atinge aqueles cujos padrões culturais diferem dos preconizados pelo sistema de ensino. (Candau, 1997, p. 228).

Durante a pesquisa, observei inúmeras vivências ligadas a cada aluno e aluna que perpassou pela sala da Brinquedoteca, cada criança, seja menino ou menina, possui histórias e compreensões do mundo, o que enriquece a pluralidade e o respeito pela diferença de cada um, que os/as torna únicos.

Destaco, nesse sentido, que ocorreu um momento interessante na brinquedoteca durante minha observação, no qual, uma jovem, de cabelo curto, estava na sala comigo para ajudar a tirar fotos da turma. Uma menina perguntou se ela era um "menino", mas antes que eu pudesse responder, outra menina prontamente afirmou que a moça de cabelo curto era, na verdade, uma menina. Quando questionei por que ela pensava que a moça era um menino, a menina mencionou o cabelo, associando aquele tipo de corte a meninos. Expliquei a importância de não generalizar e estereotipar com base em aparências, incentivando a reflexão sobre a diversidade de identidades de gênero. É fundamental que desde cedo as crianças aprendam a ser críticas e a questionar para formarem sua própria identidade.

Senti que a menina ficou pensativa por alguns instantes sobre o que eu estava falando, afinal aparentemente aquele diálogo nunca lhe tinha ocorrido e apesar da criança ter ficado um pouco confusa a princípio com aquela "novidade", ela aceitou minha explicação e no final, após olhar bastante para a moça de cabelo curto, disse para ela "você é menina" e ficou feliz, porque em parte parecia que tinha desrespeitado a jovem e estava com vergonha. Tudo ficou bem

depois dali, mas o fato de a criança ter ganhado esta compreensão é muito importante para entendermos que estamos sim ainda em sociedade com uma divisão acirrada sobre os gêneros e precisamos, principalmente no processo educacional, desconstruir isso aos poucos, mas com persistência.

A brinquedoteca é um espaço valioso, pois permite que as crianças brinquem livremente e dialoguem sobre questões importantes, como a diversidade de gênero, que muitas vezes não são discutidas no ambiente escolar tradicional. Além disso, é um local acolhedor para crianças com deficiência, como autistas, que encontram nesse ambiente um refúgio nos momentos de agitação. Esse espaço não só proporciona diversão, mas também possibilita a construção de histórias e percepções sobre gênero e identidade.

Embora a brinquedoteca seja um espaço político, permeado pelas relações interpessoais que moldam cada indivíduo, é importante questionar e problematizar os valores socioculturais normalizados sobre gênero presentes na sociedade. Esses valores, que atribuem características específicas a meninos e meninas, reforçam desigualdades e limitam a liberdade de ambos os gêneros, pois os põem em um quadrado, no qual o menino é responsável pela racionalidade e a força, enquanto a menina é sensível e cuidadosa, não os deixando ultrapassar isso.

Assim, a reflexão e questionamento desde a infância são essenciais para a construção de uma sociedade mais igualitária. O papel da professora ou do professor é fundamental nessa jornada, pois por meio de um trabalho crítico e reflexivo, é possível ampliar a visão dos alunos/alunas e criar um ambiente mais inclusivo, onde a liberdade de ser e se expressar seja valorizada e incentivada.

Nesse sentido, é fundamental ressaltar que ao associar a questão de gênero ao multiculturalismo na formação docente, estamos reconhecendo a existência de múltiplas identidades de gênero, indo além da dicotomia masculino/feminino, e considerando a diversidade cultural de vivências que influenciam a formação de cada indivíduo.

No contexto escolar, é de extrema importância que a formação do professor ou professora esteja entrelaçada com uma consciência crítica em relação às questões de gênero. É responsabilidade do docente combater estereótipos e preconceitos, promovendo uma educação que respeite e discuta conteúdos que despertem, nas crianças, a criticidade para compreender seus direitos e deveres sociais. Além disso, é essencial que o professor ou professora repense diariamente sua própria identidade e como, em meio às lutas de poder, pode contribuir para transformar a sociedade a partir de uma perspectiva que esteja em constante evolução.

Segundo Candau (1997):

A formação docente em perspectiva Intercultural Crítica não deveria ser atendida como circunscrita ao período de formação acadêmica inicial, mas sim como um processo contínuo de aperfeiçoamento e aprofundamento reflexivo de professores sobre sua prática docente. Neste sentido, esforços em debaterem-se as ideias da perspectiva intercultural crítica também com aqueles professores já atuando em escolas parece fundamental, de modo a avançar reflexões sobre os diversos aspectos envolvidos nas questões dos universos culturais de alunos e na elaboração de estratégias para a minimização da desigualdade cultural. (Candau, p. 232).

Assim, para promover uma educação que valorize o respeito e a criticidade, é essencial adotar medidas como formações continuadas e uma integração mais próxima entre as escolas e as secretarias de educação. Nessa perspectiva, é fundamental questionar o currículo e suas bases, a fim de compreender quais questões estão realmente sendo priorizadas e quais estão sendo negligenciadas, afinal, é importante para a atuação docente compreender os aparelhos ideológicos que permeiam e moldam a educação, no intuito de buscar não reproduzir cotidianamente os padrões e estereótipos que cercam a sociedade.

Ao analisarmos a realidade da sala pesquisada, devemos considerar que a construção de uma educação crítica parte das relações entre o Estado, a escola e o ambiente de aprendizado. Infelizmente, muitas vezes os docentes têm poucas oportunidades de discutir temas como multiculturalismo, identidade e gênero, devido à falta de relevância dada a esses assuntos no currículo, que como sabemos dar pouca ênfase ou importância a assuntos que interferem de maneira “silenciosa” na nossa vida.

O currículo, por sua vez, tem sido construído com base em perspectivas e valores dominantes, reproduzindo assimetrias de poder e reforçando estereótipos de gênero. Essa abordagem tradicional do currículo muitas vezes exclui vozes e experiências de classes marginalizadas, perpetuando desigualdades e limitando o desenvolvimento pleno das crianças. Afinal, é justo que desde a educação básica procure-se discutir as questões sociais que envolvem nossa sociedade, nossa vida. Para trabalhar com um sujeito crítico, é necessário que essas discussões partam da base.

Dessa maneira, esta pesquisa busca questionar e desafiar essas concepções tradicionais, abrindo espaço para uma reflexão crítica sobre o papel do currículo na promoção da igualdade de gênero. A partir de teorias pós-críticas, compreendemos que o currículo não é neutro, mas sim uma construção social e política que reflete e molda as relações de poder na sociedade. Afinal, como diz Silva (2005) “[...] o currículo educacional refletia e reproduzia os estereótipos da sociedade mais ampla ” (Silva, 2005, o. 92).

A partir desses aspectos, ressalta-se então, que o feminismo tem desempenhado um papel crucial ao destacar que as hierarquias de poder na sociedade não estão limitadas ao

sistema capitalista e à luta de classes, mas também se manifestam no patriarcado. Isso nos leva a refletir sobre a profunda divisão entre os sexos masculino e feminino, e como a sociedade utiliza materiais e símbolos para manter e perpetuar essa desigualdade. O currículo é, de fato, um dos instrumentos que podem contribuir para essa perpetuação, pois há sempre o risco de um currículo estar impregnado de valores patriarcais, resultando em diferentes abordagens de aprendizagem para meninos e meninas. Uma vez que:

[...] os estereótipos e os preconceitos de gênero eram interligados pelos próprios professores que inconscientemente esperavam coisas diferentes de meninos e meninas. Essas expectativas, por sua vez, determinavam a carreira educacional desses meninos e meninas, reproduzindo, assim, as desigualdades de gênero (Silva, 2005, 93).

Durante a vivência, pude observar diversos aspectos que evidenciam a persistência de lacunas entre as teorias, estudos e avanços acadêmicos e científicos relacionados à discussão de gênero, identidade, diversidade cultural, e as práticas docentes em sala de aula. É preocupante constatar que, apesar das análises aprofundadas, especialmente em relação ao currículo, ainda se discute pouco, no contexto escolar e no dia a dia da sala de aula, as complexas relações subjetivas que envolvem a questão de gênero.

O que pude observar, infelizmente, foi uma persistência na reprodução de práticas que reforçam estereótipos de gênero, perpetuando uma visão binária e limitada de meninos e meninas.

Quanto às práticas da professora na sala da brinquedoteca, destaco principalmente a divisão durante as brincadeiras. Mesmo que ocorra que as meninas e meninos se separem para brincar, percebo um controle sutil da professora para manter essa separação. Ela fica de olho nas crianças para garantir que permaneçam em seus lugares e intervém mais quando meninas e meninos se misturam, em comparação com quando cada um está no seu "lugar correto" de menina e menino. As palavras usadas também são importantes, como quando diz "Você deve brincar com sua coleguinha" para as meninas ou "vai brincar com as meninas", sempre indicando o que devem fazer.

Além disso, em atividades dirigidas, muitas vezes há uma clara divisão entre meninos e meninas, o que gera um confronto entre os gêneros e reforça a ideia de que são opostos e sempre serão. A separação dos brinquedos em lados distintos também influencia a percepção da professora sobre a divisão de gênero e como isso molda a identidade das crianças. Essas práticas são frequentes devido à nossa socialização na sociedade, na qual esses aspectos são "normalizados", levando a professora a agir dessa maneira.

Entretanto, durante nossas conversas, ela reconheceu a importância de não criar um ambiente onde uns se sintam superiores aos outros. Especialmente quando propus minha primeira atividade para a turma, ela mencionou que "você não pode fazer assim, porque os meninos podem achar que são melhores que as meninas", o que me levou a modificar a atividade. Essa compreensão mostra que, apesar da influência de valores socioculturais consistentes no ambiente escolar, há uma percepção sobre a construção desses padrões. Talvez haja consciência sobre o tema, mas ainda é necessário mais formação e diálogo com os profissionais da educação para discutir essas questões de forma mais abrangente.

Essa situação é um reflexo da necessidade urgente de uma abordagem mais crítica e inclusiva, que promova a desconstrução desses estereótipos e proporcione um ambiente educacional mais igualitário e respeitoso para cada participante ativo deste espaço, desde os/as docentes até as crianças.

Assim, cabe a nós diante desses resultados questionarmos, como educadores, que tipo de formação estamos oferecendo às nossas crianças diante desse contexto? Estamos trabalhando para desconstruir estereótipos de gênero, ou estamos contribuindo para sua reprodução? Estamos oferecendo oportunidades para que as crianças questionem e desafiem as normas de gênero tradicionais? Ou estamos reforçando estereótipos ao dividir as atividades de acordo com o sexo, limitando as possibilidades de expressão e desenvolvimento delas? E por fim, estamos promovendo discussões abertas sobre gênero e respeito mútuo em sala de aula, ou estamos evitando o tema por desconforto ou falta de conhecimento?

Quando pensamos, dessa maneira, em nossas práticas docentes, talvez devêssemos considerar que estas sejam revistas e atualizadas, levando em consideração as discussões e avanços teóricos sobre gênero, identidade e diversidade cultural. Os educadores deveriam ser incentivados a refletir sobre suas próprias concepções e preconceitos, a fim de promover uma educação mais sensível, mas não menos abrangente e voraz no que se refere a incluir o indivíduo como um todo. Além disso, é importante que o currículo seja repensado, pois ele pode ser importante nessa transformação, afinal, "o currículo não pode ser separado da pedagogia" (Silva, 2005, p. 97), mas pode incorporar conteúdos e abordagens que valorizem a diversidade de identidade de gênero, provendo, antes de tudo, o respeito no ambiente educacional.

É importante, portanto, considerar para esta pesquisa que:

O currículo é, entre outras coisas, um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero. Uma perspectiva crítica de currículo que deixasse de examinar essa dimensão do currículo construiria uma perspectiva bastante parcial e limitada desse artefato que é o currículo (Silva, 2005, 97).

Pesquisar na área educacional é compreender que o currículo é um artefato que vai além de um mero conjunto de conteúdos e habilidades. Ele carrega consigo ideias, valores e normas relacionados ao processo de ensino-aprendizagem. Ignorar ou não refletir sobre essa dimensão do currículo seria um equívoco, pois ele desempenha um papel fundamental no cotidiano escolar. Reconhecer essa dimensão ao criticar o currículo implica compreender suas implicações e influências no ambiente escolar. Ao questionar o currículo, estamos abordando um ponto crucial para romper com ciclos discriminatórios e desafiar aspectos de uma educação que muitas vezes não abrange o multiculturalismo presente em cada criança participante do contexto escolar. É por meio dessa reflexão crítica que podemos construir uma educação que valorize e respeite mais a diversidade cultural e as vivências de cada aluno.

### **3.2 Linguagem, Gênero e o Brincar: construindo novas reflexões**

É crucial considerar outros aspectos desta pesquisa, especialmente em relação ao ambiente escolar, que desempenha um papel fundamental na constituição cultural e social dos gêneros. Ao abordarmos a educação infantil, não podemos deixar de valorizar a importância da ludicidade, pois é nesse contexto que grande parte do desenvolvimento da criança ocorre. São nesses momentos de liberdade que a criança coloca em prática os diversos aspectos do mundo que já vivenciou, e é na escola, principalmente, que essas experiências ganham ainda mais relevância. Afinal, segundo Louro (1997) “Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir*” (Louro, 1997, p. 61).

Após analisarmos a pesquisa, podemos observar que as crianças do período II e período I já estavam influenciadas por determinantes sociais e culturais bem estabelecidos, que são constituídos através do contexto de vida delas, suas relações além da escola, no ambiente familiar, nas brincadeiras com amigos/amigas e em outros âmbitos que cercam as crianças. Porém, ressalto que no que concerne à sala da Brinquedoteca elas tinham conhecimento sobre as áreas no qual cada gênero podia brincar, o que limitava a liberdade de escolha das crianças e possivelmente as impedia de brincar com o que realmente desejavam. No cotidiano da Brinquedoteca, essa restrição de escolhas por gênero era percebida, não necessariamente de forma explícita nas professoras, mas principalmente pela organização do ambiente e por algumas falas das mesmas.

Diante desse contexto, ao criar uma separação entre os brinquedos e as brincadeiras consideradas de "meninos" e de "meninas", as crianças acabavam sendo direcionadas a seguir estereótipos de gênero, limitando suas escolhas e experiências nas brincadeiras. Assim, embora as professoras possam não ter explicitamente reforçado as restrições, a influência sutil na organização e na linguagem podem ter impactado a forma como as crianças percebiam suas opções de brincadeiras, reforçando a ideia de que há brinquedos e atividades específicas para cada gênero.

Por conseguinte, é interessante considerar que "as armadilhas da linguagem atravessam todas as práticas escolares" (Louro, 1997, p. 68), ou seja, é necessário considerar que muitos aspectos da nossa linguagem, especialmente aqueles destacados nesta pesquisa, enfatizam de forma significativa as "preferências" das crianças por determinados brinquedos. Ao moldar o feminino e o masculino, a linguagem acaba também definindo o lugar de cada um nesse contexto, impondo até mesmo limites entre o que é certo e errado, de acordo com a visão de cada gênero.

Ora, é importante destacar então que "a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os *institui*; ela não apenas veicula, mas produz e pretende *fixar* diferenças" (Louro, 1997, p. 65). Assim, ao considerar a prática pedagógica, é crucial problematizar até mesmo nossa linguagem, que muitas vezes ocorre de forma "natural", mas que pode causar significativos resultados na construção social e cultural da criança. É ingênuo pensar que, como educadores, não desempenhamos um papel fundamental na vida delas, uma vez que passam um tempo considerável conosco numa instituição que prioriza a educação. Portanto, é essencial questionar nossas práticas e colocações. Elas dependem de nós, como guias nessa jornada de formação, para que suas escolhas e construção de significados sobre suas identidades sejam saudáveis e estejam em constante transformação, visando sempre seu bem-estar.

Assim é importante considerar "[...] indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem" (Louro, 2003, p. 64). É fundamental que na prática docente possamos refletir sobre os aspectos que a circundam, pois ao fazer isso, proponho considerar a influência dos contextos sociais, culturais e de gênero que cercam a aprendizagem das crianças. Além disso, perpassa também pelo respeito de compreender o multiculturalismo que existe no ambiente escolar, que inclui cada vivência da criança.

Considerando as crianças do maternal II, é perceptível que elas ainda estão em um estágio em que ainda não internalizaram completamente as diferenças de gênero. Nessa fase, elas são guiadas pela curiosidade em relação aos objetos-brinquedos e estão gradualmente

construindo suas identidades de forma exploratória e aberta. Brougère destaca então que o "[...] brinquedo pode ser considerado como uma "mídia" que transmite à criança certos conteúdos simbólicos, imagens e representações produzidas pela sociedade que a cerca" (Brougère, 2010, p. 66).

Desta maneira, é interessante frisar que a disposição de brinquedos na Brinquedoteca é muito interessante para compreender como as crianças aos poucos vão construindo suas visões de lugar para cada gênero. Afinal, sua curiosidade em relação ao objeto-brinquedo desempenha um papel fundamental no processo de descoberta na interação com o mundo.

À vista disso, nesse contexto da pesquisa, podemos considerar relevante rever e aprimorar os elementos que cercam o brincar. Devemos levar em conta o impacto dessa atividade constante na infância. É interessante observar que, aos três anos de idade, as crianças ainda estão em processo de formação, não compreendendo completamente a divisão binária do mundo. No entanto, crianças de quatro e cinco já demonstram ter conhecimento dessa divisão e constroem seu cotidiano na Brinquedoteca seguindo esses parâmetros. Diante disso, quais aspectos devemos considerar que contribuem para esta realidade? Seria a linguagem, no sentido dos discursos heteronormativos? A organização da sala? As cores dos brinquedos? Os recursos visuais? Questionando tais considerações, nos perguntamos então, quais práticas pedagógicas estão sendo implementadas diante desses aspectos?

Louro (1997) destaca que também "se constrói na escola uma série de situações que representariam um "cruzamento de fronteiras", ou seja, situações em que as fronteiras ou os limites entre gêneros são atravessados" (Louro, 1997, p. 79). Ou seja, refletir sobre essas questões nos permite identificar e pensar os elementos que influenciam a experiência de brincar das crianças. A linguagem utilizada, por exemplo, pode ser revista para garantir uma abordagem que respeite a diversidade, evitando reforçar estereótipos de gênero ou normas sociais que restringem a liberdade da criança.

A organização da sala pode ser mudada para promover a igualdade de acesso aos brinquedos, encorajando a liberdade e a exploração de diferentes tipos de atividades. As cores dos brinquedos podem ser selecionadas de forma a não reforçar a divisão binária, permitindo que todas as crianças se identifiquem e se envolvam de maneira significativa. Além disso, é importante analisar como as práticas pedagógicas estão sendo aplicadas, garantindo que sejam inclusas, respeitando a individualidade e promovendo o desenvolvimento integral das crianças.

### 3.3 A influência da mídia no brincar

Durante a pesquisa, realizei uma atividade com as crianças do período II para obter uma compreensão mais aprofundada de suas preferências no brincar, como quais brinquedos eles gostam mais ou em quais espaços preferem brincar. Os resultados revelaram diferenças significativas entre meninos e meninas. As meninas desenharam mais sobre temas relacionados à família, bonecas, amizade e ambientes domésticos e naturais. Por outro lado, os meninos evidenciaram mais aspectos relacionados a super-heróis, que são frequentemente retratados na mídia. Esses resultados são importantes, pois, além dos outros aspectos mencionados nesta pesquisa, eles destacam a influência significativa do ambiente externo à escola, especialmente a mídia, na constituição da identidade de cada indivíduo em um mundo globalizado.

Segundo Costa (2004):

[...] a mídia pode ser entendida como um campo discursivo constituído por conjuntos heterogêneos de enunciados, demarcado por formas próprias de regularidade e por sistemas de coerção e subordinação que se exercitam e possuem materialidade (Costa, 2004, p. 78).

Ou seja, a afirmação da autora nos indica que a mídia é composta por uma variedade de formas de comunicação, como imagens, vídeos e sons, que são utilizados para transmitir mensagens e influenciar a percepção e comportamento das pessoas. No que se trata a esses sistemas de coerção e subordinação significa que, existem influências e pressões que podem moldar o conteúdo midiático de acordo com interesses, sejam eles, políticos, comerciais e até mesmo, ideológicos. Por isso cabe a nós analisar criticamente os comportamentos que as crianças nos trouxeram através dos seus desenhos, principalmente os meninos, que refletiram bastante o quanto a mídia influencia em seus reflexos de gosto no brincar.

A mídia, nesse sentido, pode desempenhar, então, papel fundamental na constituição de identidade de gêneros e influenciar as escolhas, comportamentos e identidades de cada indivíduo incluído nessa sociedade globalizada. Assim é interessante frisar que "as características que nos constituem se mesclam, se fragmentam, se associam; somos seres híbridos, constituídos por múltiplas e diferentes identidades" (Fabris, 2004, p. 258). Fabris quis dizer que não podemos fugir da sociedade da tecnologia, informatizada, que somos constituídos por múltiplos aspectos que nos rodeiam, porém, temos que saber dar limites sobre até onde essa constância de informações é benéfica para a constituição dos sujeitos.

Ao analisar os desenhos das crianças, pude observar expectativas irrealistas relacionadas ao desejo de ser um super-herói. Não há nada de errado com os meninos que têm essa aspiração. No entanto, percebi uma grande divisão entre meninos e meninas, com as meninas parecendo

se construir em torno de papéis tradicionais de gênero, como a família e o lar, enquanto os meninos buscam aventuras e ultrapassar limites. Embora seja válido se esses desejos forem genuínos para cada criança, é importante reconhecer que muitos desses anseios estão relacionados à pressão social e à limitação da autonomia e autenticidade dada à criança devido ao consenso de que as identidades masculina e feminina devem trilhar caminhos opostos.

Considero então que:

Esses conceitos reforçam minha compreensão de que ser menino e ser menina não são consequências espontâneas do existir no mundo. Contrariamente, são identidades resultantes de intensos, porém sutis, projetos, nos quais ações, advertências, censuras, parabenizações e constrangimentos atingem os corpos infantis na tentativa de fazê-los ou masculinos ou femininos. Os enunciados que os/as adultos/as lançam para e sobre as crianças, diferenciando-as conforme os gêneros, por exemplo, ilustram que se têm expectativas distintas para os meninos e para as meninas (Baliscei, 2021, p. 19).

Baliscei (2021) nos leva a refletir sobre como a mídia e a sociedade, incluindo a escola, desempenham um papel na reprodução de estereótipos de gênero, que afetam principalmente as meninas, futuras mulheres. É alarmante que existam inúmeras pesquisas que comprovam a disparidade salarial entre homens e mulheres, além da sobrecarga de trabalho que as mulheres enfrentam tanto no emprego quanto em casa. Diante disso, é crucial uma autoavaliação, especialmente no ambiente escolar, para construirmos um mundo com mais oportunidades e igualdade de gênero.

Precisamos ampliar as narrativas femininas, não apenas focando na superação, mas também na busca pela equidade. É fundamental construir uma sociedade em que as meninas não sejam obrigadas a discutir questões de machismo ou outras formas de desigualdade, pois estas já deveriam ser superadas, e onde as crianças possam brincar com o que desejarem, sem restrições ou limitações impostas. Além disso, é essencial romper com a representação de corpos femininos em propagandas que apenas sexualizam e valorizam a aparência física e negligenciam a inteligência e outras habilidades.

Precisamos, portanto, de um novo slogan para essa sociedade, onde mulheres e homens possam existir em igualdade, sem marginalização ou violações de direitos. Devemos trabalhar juntos para criar um ambiente onde todos e todas tenham as mesmas oportunidades, independentemente do gênero, e onde a diversidade e a inclusão sejam valorizadas de suas mais variadas formas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor este estudo, busquei trazer reflexões sobre aspectos relevantes para o contexto educacional, especialmente para a Educação Infantil. Nesse sentido, é necessário ter cuidado ao analisar as influências das brincadeiras na vida das crianças, principalmente quando envolve a constituição de identidade de gênero, pois este ainda é um assunto sensível em muitos pontos e precisamos estar atentos para não cair em generalizações acusatórias.

Infelizmente, as brincadeiras podem contribuir para a formação e reprodução de estereótipos de gênero, acarretando consequências significativas na vida das crianças, como a perpetuação de práticas docentes que reforçam desigualdade de gênero e a limitação de possibilidades. Todos nós somos moldados por valores e comportamentos aprendidos socioculturalmente, inclusive antes de nascermos. No contexto do brincar, como destaco nesta pesquisa, muitos comportamentos são normalizados na rotina da Brinquedoteca e no processo educativo. Questionar esses valores que definem o que é considerado feminino ou masculino é de suma importância para compreender a educação que estamos proporcionando em nossas escolas e que tipo de pensamento ou conhecimento estamos transmitindo: estamos formando indivíduos críticos e autênticos ou apenas perpetuando padrões estereotipados?

A divisão de brinquedos e brincadeiras por gênero no ambiente escolar, então, é um alerta constante, pois evidencia a persistência do binarismo de gênero no brincar. As crianças, principais afetadas por essa divisão, continuam a se constituir assumindo masculinidades e feminilidades hegemônicas em um processo exaustivo, no qual não tem liberdade para se conhecer antes de aceitar uma identidade de menino ou menina, seguindo estritamente esses parâmetros.

Percebi que muitas dessas questões na escola estão relacionadas às práticas docentes. Infelizmente, professores e professoras não têm espaço ou tempo para dialogar sobre essa temática, pois o currículo não dá a devida importância a essas discussões, as formações continuadas são limitadas e, por isso, resta aos docentes pesquisar por conta própria meios mais inclusivos. No entanto, compreender a importância dessas questões é difícil, pois envolvem aspectos culturais e sociais, levando a práticas pedagógicas que reforçam a divisão por gênero.

Esta pesquisa busca promover reflexões e fornecer caminhos para a formação docente. Precisamos questionar mais aquilo que pouco se fala ou se questiona. É fundamental compreender o indivíduo como um todo e reconhecer a diversidade de fatores que contribuem para a construção e desenvolvimento de uma criança. Sua identidade, seu gênero e sua liberdade de brincar devem ser constantemente abordados em ações que promovam maior entendimento

sobre essas questões. Para ser um bom profissional da educação, é preciso estar disposto a mudar nossa percepção e aprimorar nosso ambiente de trabalho. Educar é um ato lindo que deve ser amplo e respeitoso em todas as suas formas. Essa pesquisa nos convida a rever nossas práticas.

A Educação Infantil, portanto, é uma fase extremamente importante, na qual a criança está descobrindo a rotina escolar, construindo novas amizades e se familiarizando com diferentes profissionais e realidades. É essencial reconhecer esse processo e refletir sobre como estamos realizando o ato educativo para esses pequenos. Suas identidades não devem ser constituídas por eles mesmos à medida que se desenvolvem? Somos seres humanos compostos por sentimentos, emoções e merecemos ser respeitados\as em todas as nossas dimensões.

## REFERÊNCIAS

- BALISCEI, João Paulo. “PARABÉNS, É UMA CRIANÇA!”: cultura visual (heteroterrorizante) nos chás de revelação. In: BALISCEI, João Paulo (Org.). “**É de menina \*e\* de menino!**”: imagens de gênero, sexualidades e educação. Curitiba-Pr: Editora Bagai, 2021. Cap. 19. p. 1-261.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977, 229 p. ISBN: 972-44-0898-1.
- BARROS, FCOM. **Cadê o brincar?** da educação infantil para o ensino fundamental [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 215 p. ISBN 978-85-7983-023-5. Available from SciELO Books.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**, LDB.9394/1996. BRASIL.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 116 p. Revisão técnica e versão Brasileira adaptada por Gisele Wajskop
- CANDAU, Vera Maria (org.). **Magistério: construção cotidiana**. 2. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 1997. 321 p.
- COSTA, Marisa Vorraber. Mídia, magistério e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber *et al* (org.). **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema....** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. Cap. 9. p. 1-294.
- FABRIS, Elí Henn. Hollywood e a produção de sentidos sobre o estudante. In: COSTA, Marisa Vorraber *et al* (org.). **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema....** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. Cap. 9. p. 1-294.
- FELIPE, Jane. **Erotização dos corpos infantis**, In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**, Petrópolis: Vozes, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KLEIN, Carin; DAMICO, José. **O uso da etnografia pós-moderna para investigação de políticas públicas de inclusão social**. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 63-85.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Organizadores). **Metodologias de Pesquisas Pós-Crítica em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. 312p.

RIBEIRO, Joyce. **PESQUISANDO OS GÊNEROS NAS FRONTEIRAS CULTURAIS**: a "nova" etnografia. In: RIBEIRO, Joyce; W.S, Afonso Nascimento (org.). **Educação**: enfoques, problemas, experiências. São Paulo: Livraria da Física, 2012. Cap. 11. p. 1-279.

SANTOS, Heliany Pereira dos. **A produção científica sobre o brincar entre meninos e meninas na educação infantil**: rompendo fronteiras e construindo novas perspectivas para a diversidade. ANAIS FAZENDO GÊNERO, Florianópolis, 2013. Disponível: [http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384891098\\_ARQUIVO\\_HeliannyPereiradosSantos.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384891098_ARQUIVO_HeliannyPereiradosSantos.pdf)

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 156 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

## ANEXO A - ROTEIRO PARA CONVERSAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO  
DOCENTE/ORIENTADORA: JOYCE OTÂNIA SEIXAS RIBEIRO  
DISCENTE/ORIENTANDA: FLAVIANE CORDEIRO MARTINS

### ROTEIRO PARA CONVERSAÇÃO

Levando em conta a metodologia proposta na pesquisa, com base na abordagem pós-crítica, considero importante destacar que para análise e aprofundamento das informações foi necessário realizar o método da conversação com os sujeitos da pesquisa, neste caso, as crianças e professoras que estavam no ambiente da brinquedoteca diariamente.

Os temas-problemas a serem dialogados foram:

- O ato de brincar.
- Brincadeira.
- Brinquedos.
- Gênero.
- Prática Docente.
- Família.
- Cultura.

Esses temas foram escolhidos como pontos de discussão para aprofundar a compreensão sobre a experiência das crianças na brinquedoteca e a influência de diversos fatores, como gênero, prática docente, família e cultura, no processo de brincar. A conversação com os sujeitos da pesquisa permitiu uma análise mais completa e enriquecedora, levando em consideração diferentes perspectivas e experiências.

**ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO GESTORA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a),

Vimos por meio deste termo solicitar sua colaboração para registrarmos através de áudio, vídeo ou fotografia as atividades por você desenvolvidas em seu local de trabalho ou para fornecer documentos oficiais como relatórios ou mesmo entrevista, caso seja necessário, relacionados à prática de ensino que você desenvolve. Solicitamos, também, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos da área da educação. Por ocasião da publicação das informações, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a seu trabalho ou vida social ou pessoal. Esta atividade de observação e levantamentos de dados faz parte da pesquisa de TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO sobre a relação de gênero e brinquedos na educação infantil e está sendo desenvolvida pela aluna FLAVIANE CORDEIRO MARTINS do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), turma 2019, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joyce Otânia Seixas Ribeiro. A direção da sua escola creche estão cientes e autorizaram a realização desta atividade.

Atenciosamente,

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joyce Otânia Seixas Ribeiro  
Professora Orientadora da FAECS/UFPA  
Coordenadora do Gegepe-Grupo de Pesquisa Gênero e Educação: UFPA CNPq

Assinatura do Participante da Pesquisa

Keila de Sarges Silva  
Gestora Escolar-Pedagoga  
Portaria nº 209/2021

Em 12, de Abril de 2024

**ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO COORDENAÇÃO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a),

Vimos por meio deste termo solicitar sua colaboração para registrarmos através de áudio, vídeo ou fotografia as atividades por você desenvolvidas em seu local de trabalho ou para fornecer documentos oficiais como relatórios ou mesmo entrevista, caso seja necessário, relacionados à prática de ensino que você desenvolve. Solicitamos, também, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos da área da educação. Por ocasião da publicação das informações, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a seu trabalho ou vida social ou pessoal. Esta atividade de observação e levantamentos de dados faz parte da pesquisa de TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO sobre a relação de gênero e brinquedos na educação infantil e está sendo desenvolvida pela aluna FLAVIANE CORDEIRO MARTINS do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), turma 2019, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joyce Otânia Seixas Ribeiro. A direção da sua escola/creche estão cientes e autorizaram a realização desta atividade.

Atenciosamente,

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joyce Otânia Seixas Ribeiro  
Professora Orientadora da FAECS/UFPA  
Coordenadora do Gegepe-Grupo de Pesquisa Gênero e Educação/ UFPA/CNPq

Assinatura do Participante da Pesquisa

Em 12, de Abril de 2024

## ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO PROFESSORA DA BRINQUEDOTECA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a),

Vimos por meio deste termo solicitar sua colaboração para registrarmos através de áudio, vídeo ou fotografia as atividades por você desenvolvidas em seu local de trabalho ou para fornecer documentos oficiais como relatórios ou mesmo entrevista, caso seja necessário, relacionados à prática de ensino que você desenvolve. Solicitamos, também, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos da área da educação. Por ocasião da publicação das informações, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a seu trabalho ou vida social ou pessoal. Esta atividade de observação e levantamentos de dados faz parte da pesquisa de TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO sobre a relação de gênero e brinquedos na educação infantil e está sendo desenvolvida pela aluna FLAVIANE CORDEIRO MARTINS do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), turma 2019, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Joyce Otânia Seixas Ribeiro. A direção da sua escola/creche estão cientes e autorizaram a realização desta atividade.

Atenciosamente,

**Prof.ª Dr.ª Joyce Otânia Seixas Ribeiro**  
Professora Orientadora da FAECS/UFPA  
Coordenadora do Gegepe-Grupo de Pesquisa Gênero e Educação/ UFPA/CNPq

Assinatura do Participante da Pesquisa

Em 12, de Abril de 2024

## ANEXO E - PLANO DE ATIVIDADE NA BRINQUEDOTECA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO  
DOCENTE/ORIENTADORA: JOYCE OTÂNIA SEIXAS RIBEIRO  
DISCENTE/ORIENTANDA: FLAVIANE CORDEIRO MARTINS

### PLANO DE ATIVIDADE NA BRINQUEDOTECA

EMEI Estrela do Saber

Diretora: Laise Pontes

Coordenadora Pedagógica: Joana Antunes

Professora: Elisa Gomes

Data: 29 de abril de 2024

Contemplada turma Período II – Tarde D

Brincadeira: O que eu gosto de brincar?

Objetivo: Desenvolver novas maneiras de expressar o brincar através do ato de desenhar.

Material: folha A4, lápis, giz de cera.

Desenvolvimento: A professora reúne as crianças e conversa com elas a respeito da atividade, explicando o que elas devem fazer. Depois, individualmente as crianças desenharam na folha que a professora deu, seu brinquedo ou brincadeira favorita. Após o desenho, elas podem pintar e falar um pouco sobre o que desenharam e qual a importância da brincadeira ou brinquedo desenhados por elas.